CANCIONEIRO PORTUGUEZ

POR

A. F. BARATA

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1866

«Sejam as memorias da patria que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos sanctos affectos da nacionalidade.»

Sr. A. Herculano, *Bobo*, no Panorama, v. 7.º, pag. 12.

A

SEUS AMIGOS

E

ASSIGNANTES

O.

ANTONIO FRANCISCO BARATA

PROLOGO

Occupando na esteira social, em que vivo, o mesmo logar que tão nobilitado foi por Domingos dos Reis Quita (na *Arcadia Lusitana*, Alcino Micenio), Antonio Joaquim Carvalho e Francisco Antonio Gomes, e nascendo com propensão para as lettras, bem era que eu addicionasse mais um nome ao pequeno mas notavel escholio d'artistas que ennobreceram sua classe, grangeando para si as attenções dos vindouros.

Talvez inferior ao menos talentoso dos tres, com os limitados recursos de minha intelligencia e de meus conhecimentos ahi vou lançar ao mar da publica leitura a minha sexta e provavelmente ultima publicação.

Sem haver recebido educação litteraria, não sei se alguma cousa fiz nas cinco que dei á estampa, e se 'nellas, da primeira á ultima, haverá gradação constante de melhoria. Sei sim, que em baixa conta as tenho, para só ver na presente, a unica que poderá mostrar meu aproveitamento.

A vir a lume cõm este pequeno livro duas ideias

me incitaram: a de convidar com o exemplo meus irmãos no trabalho a seu nomei llustrarem, e a de mostrar as vantagens da poesia historica.

A poesia militar, a epica, aquella em que os rapsodos em primitivos tempos cantavam as glorias dos heroes, e mais tarde os bardos e os trovadores no seu divagar pelas habitações dos grandes, foi em todos os tempos elemento civilisador; pois que, relembrando as acções altas dos que passaram, convidava as novas gerações a saciar a ambição de renome na imitação d'esses quasi indígetes.

Bastos exemplos comprovativos podéra eu citar: fiquem, porém, aqui dous, já que tanto a ponto vêm.

Quando em 1655 os Hollandezes, depois de dilatarem seus dominios nas muitas conquistas que fizeram, obstinados assediaram Colombo, cidade nossa na ilha de Ceylão; quando, depois de uma resistencia pertinacissimamente superior a elogios, perdidas já sete mil pessoas que á fome suc-

cumbiram, o capitão Antonio de Sousa Coutinho teimava brioso em defender sua praça, os soldados portuguezes, imitando seu exemplo, cantavam sobre as muralhas, ou nas brechas que defendiam, as patrioticas estancias de Camões, procurando reverdecer com ellas o seu emmurchecido trabalhado valor.

Da historia ingleza é o outro exemplo.

Na batalha d'Hastings, ferida em 1066, em que Guilherme, o *Bastardo*, empunhou o sceptro da Inglaterra, os soldados Normandezes, para se animarem, cantavam em verso as proezas de Rolando.

D'aqui resalta a vantagem da poesia historica.

Cumpre solicitar agora, para o merito ou desmerito do livro, a imparcialidade dos espiritos rectos.

Não se olvide o que presta no satyrisar do mau.

Terminando estas linhas, com um pedido será: Professores de instrucção primaria, homens que

deveis dirigir, encaminhar bem os espiritos incipientes, que mais tarde darão fructos de poesia, pintura, musica; de estatuaria, mechanica, arte militar, de tudo; fazei-lhes ler e explicae-lhes o meu livro, para que esses fructos por vós bafejados, tenham o agradavel sabor da independencia, da abnegação, da lealdade, do valor, e do sacratissimo amor da patria.

PARECER

Desejando eu entrar no mundo litterario á somra amiga do lauri-c'roado poeta o Sr. Thomaz ibeiro, sombra que não podia ser para mim a a mancinella, mas a de frondente cedro do Liano, alvo das attenções e visitas do viajor, diji-lhe a seguinte carta:

Ill.mo e Ex.mo Sr. Thomaz Ribeiro

Por V. Ex.ª me haver considerado amigo, desde s bons tempos de Coimbra, tempos de saudosas legres recordações, e por amentar a fineza ue ao pouco ditoso Quita fizera um dia o Conde e S. Lourenço, procurando-o, conversando-o, stendendo-lhe mão amiga, transponho esperanado a porta de V. Ex.ª, para que se digne faer-me o que áquelle meu collega fez o Conde, presentando ao publico illustrado um homem ue a seus grandissimos esforços deve unicamente s escassos conhecimentos que tem, e emittindo

a respeito de meus escriptos o seu ponderoso juizo imparcialissimo.

Por tamanho favor eterna viverá em mim a lembrança do beneficio.

Benevolo acolheu S. Ex.ª a minha carta, enviando-me a resposta que adiante segue.

Meu prezado Barata

É amavel o seu convite, e lisongeiro para mim; mas, sobre ser-me grandemente embaraçoso acceder aos seus desejos, não lhe será por ventura inconveniente? Vão maus os tempos para apresentações litterarias, meu caro amigo! Olhe bem para mim, que fui apresentado pelo nosso primeiro poeta, e não consegui cobrir-me com a sua grande respeitabilidade. O que elle fez, foi deixar-se metralhar em vez do seu afilhado. A aristocracia litteraria ou critica da nossa terra, não viu brazões no meu escudo, e não se dignou dirigir-me cartel. Se eu podesse dizer aos criticos sanguinarios da nossa terra o — *in me convertite ferrum*, e deixal-o a coberto da sua ferocidade, dar-me-hia por bem pago do meu empenho, e absolvia-o de seu temerario desejo. Não o creia, porém, e prepare-se; que se houver lucta, hão de procural-o e feril-o sem respeito ao companhei-

ro, que lhe dá o braço, e sem ouvirem a desauctorisada voz, que o apresenta.

Cuidavamos nós, que todo o esforço d'uma grande vontade; que toda a laboração d'um trabalho difficil; que todo o producto d'um talento amadurecido ao sol das proprias fadigas e alumiado pelos clarões vasquejantes d'um estudo aturado e improbo, sería titulo para animações jubilosas, para recepções amoraveis, para admoestações esclarecidas e amigas; e em todo caso para respeito de confrades, quer no elogio, quer na censura. Pois não é.

Sei que ha critica justa e apreciavel. Tenho-a mesmo entrevisto, e entreouvido no meio da tumultuosa gritaria dos atrabilarios, que apupam e assobiam os neophitos, que veem para elles, com os braços abertos e a anciedade no rosto, e que muitas vezes, se não tem orgulho que reaja e os sustente, sahem corridos e amedrontados para nunca mais voltarem.

Vae sendo isto entre nós! que tristeza e que descrédito!

Eu nunca vejo as toiradas do campo Sant'Anna. Condoe-me a lucta com as feras; condoe-me ainda mais a alegria delirante dos espectadores. São sempre os circos de Roma com toda a sua embriaguez hedionda; falta a ferocidade dos leões nu-

midas e a coragem dos luctadores. Não é que os costumes estejam melhores; estão degenerados. Pois fui hontem ao Campo de Sant'Anna! Levou-me lá o amavel convite d'um amigo, e a tentação diabolica d'um cartaz, em que se annunciavam duas *sympathicas toreras*, uma das quaes, condecorada por S. M. Catholica!!!! Fui, para ver por meus proprios olhos, até onde tinham descido as mulheres, e as condecorações.

Com effeito vi, viram milhares de espectadores, viram os *homens do forcado*, viram os *campinos*, viram os *moços do curro*, viram os homens do *sol* e os da *sombra*, viram SS. MM. e Altezas, duas mulheres de carne e osso, nem bonitas nem elegantes, nem sympathicas, escarranchadas sobre dois cavallos de osso sem carne, mettidas e acunhadas n'umas singulares sellas de picaria. Esquecia-me dizer-lhe que do peito d'uma d'ellas pendia a sobredicta condecoração.

Contar-lhe como eu tive alli dó do bello sexo por se ver tão amesquinhado n'aquellas suas representantes... Perdoem-me as pobres *toreras* o tom desdenhoso com que fallo d'ellas! Sei eu por ventura que destinos as levaram ali? Se n'aquillo ha degeneração, é menos das pobres mulheres, do que da sociedade, que as applaude, e as condecora depois de as haver perdido!

E, para que hei de eu fazer sempre de moralista, sem ninguem me ter encommendado os sermões? quem sabe mesmo se o grande typo da mulher é aquelle? Será. Isto de teimas em crer que as mulheres foram só feitas para o bem e para a paz, vae-me parecendo insistencia tresloucada. Seja o que for, eu detesto as amazonas e as *toreras*.

Vamos ao meu caso.

Quando eu presenciava a toirada do Campo de Sant'Anna, sabe o meu amigo em que eu estava pensando? No seu livro, na critica, fallo da critica estrepitosa e feroz, em si, e em mim. Ora repare nas boas similhanças, que eu ali fui encontrar:

O programma, o prospecto, o cartaz, como quizer, annunciava as *toreras* para o quarto boi. Corrido o terceiro, houve aquelle silencio precursor da tempestade, que conhecem os nautas, e os heroes, e os frequentadores da praça de Santa Anna. Os olhos todos, voltados para uma porta baixa, fronteira ao camarote real, e as damas debruçadas dos camarotes, e os homens anhellante- e curvados, e as respirações comprimidas, e as bôccas semi-abertas, tudo me dizia, que um grande acontecimento ia ter logar ali, 'naquelles re cinto, diante dos meus olhos!

Abre-se a porta, apparecem a *toreras!*.. Oh! meu querido Barata! O que eu vi e ouvi, nem se pinta nem se escreve. Era uma gritaria selvagem, uma confusão babilonica, um silvar e bradar de injurias ensurdecedoras, desde o gemido do leão, até o assobiar da serpente, um concerto hediondo de chufas e de vaias, e d'uns cumprimentos e protestos mais injuriosos, que as injurias. As *toreras* vinham acompanhadas e guiadas por um bandarilheiro hespanhol.

Veja agora este espectaculo transformado no theatro da minha imaginação. Em vez de se esperarem as *toreras*, condecoradas por S. M. Catholica! espera-se o meu amigo *Barata* e o seu *Cancioneiro*. Abre-se a porta da imprensa, e entrâmos na praça enorme e temerosa da publicidade, o meu amigo, o seu livro, e eu. Eu esquecia-me dizel-o, sou o hespanhol bandarilheiro.

A critica desembaraçada, a critica chocarreira, a critica bonacheirona, que tem dichotes engraçados que faz estalar as ilhargas com riso, a critica dos *homens do sol* em fim, essa, ainda sem saber se ficará contente; se tem diante de si algum merito individual, ou alguma utilidade social; se vale a pena ver ou ouvir para julgar depois, essa, aguça logo a trilingue, e começa o

côro infrene, selvatico, horripilante, dos apodos mais vis, e das mais refinadas injurias!

A critica séria e sincera, conscienciosa e illustre *está á sombra*. Consta, mesmo, que se quer demittir do seu emprego, principalmente por dous motivos. Primeiro, por que já não póde obter a palavra no meio d'aquelle *charivari* degradarte. Segundo, por que os *criticos do sol*, na sua semcerimonia, costumam dispensar-se d'uns certos cuidados de aceio e de limpeza, e teimam sempre em apertar a mão aos seus *collegas da sombra*.

A verdade é, meu amigo, que nos nossos toiros, como na critica litteraria, as unicas vozes que se ouvem, são as *do sol*.

Era n'isto que eu pensava, e foi esta a primeira similhança, que eu achei na praça do Canpo de Sant'Anna.

Prosegue a toirada. O prospecto annuncia, que a bandarilheira condecorada ha de picar um toiro a pé. O cavallo porém desboca-se, joga uma cabeçada violenta, e esmaga o nariz da pobre rapariga, que tem de apear-se para ir estancar o sangue, que lhe sahe em golfadas. O *sol* impacienta-se e agita-se, pedindo a desafortunada; ella vem, mostra o seu desastre, desculpa-se, e volta para as mãos do seu medico. O *sol* desatina, clama,

uiva, blasphema. A *sombra* agita-se, e proclama contra a ferocidade do *sol;* o tumulto cresce; as senhoras desmaiam; os homens ensurdecem; os moços da agua fresca derramam-se pelas trincheiras falsas; os lenços e os chapeus agitam-se. O boi pára attonito! Os homens do forcado encostam-se ao seu bidente; os campinos assentam-se nas portas do toiril; a auctoridade ordena por gestos a sahida do boi; o *sol* sobe ao zenith da sua indignação, mas o boi é recolhido, e o miserando *sol* fica d'esta vez ás escuras.

Voltemos agora ao theatro da minha imaginação. Transfigurou-se o quadro: agora o *sol*, o mau, o injusto, o tyranno, é o meu Barata, e a bandarilheira sou eu!

O prospecto annunciava, que no seu livro appareceria uma carta minha; debalde lhe tenho mostrado os meus *ferimentos* e a impossibilidade em que estou de lh'a escrever!—«A carta!»—clama o meu amigo, «a carta!»—E não haver auctoridade, que me salve da sua tyrannia!

Pois saiba, que me salvo eu! Não posso. O —*non possumus* — é o grande esteio da moderna diplomacia.

E, creia-me, é-me doloroso não acceder ao seu benevolo convite, e mais por mim, que por si. O moderno *Quita*, o trovador popular, o salvador

das nossas glorias tradicionaes, o colleccionario das nossas lendas e balladas, offerece ao seu paiz um tão valioso trabalho e é já tão familiarmente acolhido dos ledores da sua terra, que não precisa da minha voz amiga, por auctorisada que ella fosse, para o apresentar no mundo litterario. O seu grande merecimento, está menos no que faz, que é muito, do que na razão por que o faz.

O homem que entra na sociedade, e acha n'ella os meios necessarios para se educar, póde ser grande, muito grande, mesmo; porém o que nasce e cresce desprotegido de todos, e de tudo; quem tem de trabalhar, dia e noite, em mister modestissimo e inglorio, para prover ás mais instantes necessidades da vida material; e que, sem livros nem mestres, e sem tempo, e sem animações, vae ouvindo e colhendo, aqui e além, na palestra familiar, ou na discussão academica, onde o acaso ou o proposito o leva, uma ou outra vez, e a que assiste no mais modesto logar, entre os espectadores, que ninguem vê, um preceito de doutrina, uma phrase modelo de bom estylo, uma concepção philosophica, uma verdade historica, uma tradição gloriosa, uma preciosidade litteraria, para, com estes sobejos dos opulentos, ir enchendo o seu modesto mealheiro espiritual, e preparando e governando a riqueza futura do seu coração, e

da sua alma; que trabalha, desde creança, de si para si, no laboratorio solitario do seu intimo; que é, a um tempo, seu mestre e seu discipulo, impulso e meta, lapidario e brilhante, obreiro e obra, esmero e assumpto, para, em verdes annos ainda, nos apresentar, um livro, como o seu *Cancioneiro*, esse homem é maior que o muito grande; é portentoso!

Os que souberem apreciar as enormes luctas do seu talento, hão de adoral-o. Os outros... os outros hão de calar-se, ou injurial-o sem o lerem ou sem o entenderem.

Cada um a seu modo, ha de prestar homenagem ao seu talento. Descance.

Os seus versos, sobre revelarem um aturado e consciencioso estudo dos nossos chronistas, livros velhos e pardos, em que d'antes com tanto amor se pasciam os olhos dos estudiosos, e em que hoje se cançam e enfadam as *lunetas* dos elegantes, são, por vezes, ricos de descripção, e de colorido.

Embora lhe esteja escrevendo uma carta singela, só para si, e não a critica ao seu livro, deixe-me indicar-lhe alguns, que, entre todos, escolho e prefiro.

Do *Abbade João*, já eu lhe disse alguma cousa, quando escrevia no *Commercio de Coimbra*, onde

esses versos foram publicados. Acho no *Cerco de Celorico*, o vôo da aguia salvadora n'estes versos cheios de verdade. È a pag. 31:

....

«Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção;
Apertada a garra adunca,
Nas azas toda a extensão,
Como quem se chegar tarde
Póde não dar salvação».

Encontro na *Padeira de Aljubarrota*, poemeto, cuja dedicatoria do coração lhe agradeço, o revolutear da peleja pintado n'estas formosas quadras:

«E no immenso torvelinho,
E das lanças no estalar,
E no rechino das settas,
Das espadas no brilhar,

E dos trons e das bombardas
Nos roucos sons d'atroar,
E dos ardegos ginetes
No estridente relinchar;

E nos remoques e pragas
Que alli se ouviam rogar,

E nos gemidos d'angustia
Dos que estavam a expirar,

Se via a cópia do inferno,»
....

Aqui ha côres e vozes, luz e harmonia. O pensamento sahiu inteiro e feliz.

Ainda uma descripção, ou antes esboço rapido, onde ha galas e ternuras. É no *Conde dos Arcos:* estamos na ultima toirada de Salvaterra:

«Cavallos e cavalleiros
Nunca se viu cousa assim!
Os brasões de seus maiores,
Na gualdrapa do sellim;
A espada, em forro de prata,
Pende de rico telim:

Velludos, rendas e cassas,
Seda e ouro em profusão;
Penachos de finas plumas
Tremem pendidos ao chão;
Muita alegria nos rostos,
Muita fé no coração:

Muita firmeza nas sellas,
Em muitos peitos valor;
Nos homens muita loucura,
E nas bellas muito amor:
Tal essa gente aguardava
Um drama de pranto e dôr!»

Não transcrevo mais. Estes excerptos bastam para lhe provar, que li com cuidado as folhas avulsas, que me foi enviando, á proporção que iam sahindo da imprensa.

O seu livro tem defeitos, devo dizer-lh'o tambem, e eu sei, que ha de aceitar as admoestações d'um amigo, que ha tantos annos o conhece, e o estima. A metrificação parece, uma vez por outra, descurada, e aqui e além, menos o conceito, que o estylo, descahe em familiaridades, nem sempre poeticas.

Talvez, tambem, eu no seu caso, me tivesse abstido de escrever o *D. Alvaro Vaz d'Almada*, ou a *Batalha d'Alfarrobeira*. O Sr. Ignacio Pizarro tinha tão recentemente, e com tão boa acolhida, escripto no seu Romanceiro o *Conde de Abranches!*.. Em fim isso não foi senão uma temeridade. A propriedade litteraria não chega nunca á propriedade do assumpto.

A maior parte dos nossos homens grandes são em grande parte o transumpto da educação. O meu amigo Barata é só o transumpto da sua grande vontade.

Homens assim, não tem craveira por onde possam medir-se, e são o maximo argumento de que que a humanidade é grande.

Sinto não poder escrever-lhe uma critica no

seu livro, desculpe-me com os seus leitores, uma vez que a elles me annunciou; e, se tanto quizer, auctorise-se na desculpa com esta carta.

Aperta-lhe a mão e abraça-o cordealmente o

Seu sincero e velho amigo

Lisboa 23 de Abril
de 1866.

Thomaz Ribeiro

NOTA

Errados me sahiram tres versos na composição *Pero Gallego*. A um concurso inexplicavel de palavras traiçoeiras, que se harmonisaram para me peitar o ouvido, attribuo eu a pecha dos versos. Alguns mais escapariam talvez: para esses, a benevolencia das pessoas que se costumam entregar a eguaes trabalhos, e que, impreterivelmente, devem ter sido enganados tambem por essa seductora miragem que me trahiu, para os que eu conheço defeituosos, proponho este remedio:

Pag. 21 — Não domine o oceano
» 22 — Onde terminou a empreza nobre
» 25 — Mas, em vez de castigar acção tamanha.

Leia-se o 1.º — Não impere no oceano,
» o 2.º — Onde veio findar a empreza nobre
» o 3.º — Mas, em vez de punir acção tamanha,

INDICE

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

O ABBADE JOÃO

Era pelo mez de Julho de 1863. Preparavam-se em Montemór-o-velho as celebradas festas do *Abbade João*, quando me occorreu a lembrança de tomar conhecimento da origem d'ellas.

Na *Monarchia Lusitana* me dizia a memoria se consagravam algumas regras ao combate sangrento que immortalisára o nome do Abbade e dos monges negros de Lorvão; mas, era esta uma ideia imperfeita, gasta, quasi apagada, que, semelhante aos desenhos apagados com gutta-percha, ainda se conservava em minha reminiscencia.

Na indole e na propria vocação tinha eu sobejo incentivo para averiguar essa patriotica lenda: era preciso ler. Consultei, pois, a citada *Mo-*

narchia, e varías chronicas onde se relata o acontecimento.

Fôra, na verdade, uma das mais notaveis batalhas a que se ferira em campos de Montemór, entre as forças mahometanas, commandadas por Çolema, ou Zuleima, e as que lhe oppozeram vencedora resistencia ás ordens do valoroso Abbade, a quem D. Ramiro havia confiado a defensão d'aquelle padrasto do Islamismo.

Em duvida, comtudo, achei posta a celebrada batalha: auctores ha que a negam. Isto não obstante, resolvi cantar em verso os feitos do *Abbade João*, embora elles só existam nas tradições patrias, sem haverem o cunho da historia imparcial.

Ennervára-me tambem a vontade, uma carta que, mezes antes, me escrevêra o Sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, onde, entre muitas palavras animadoras, o tão conhecido litterato dizia: *é um bom assumpto para romance.*

Já tinha á mão o preciso material para a obra; só me faltava o molde, o typo, o desenho que devia seguir no construir do meu edificio.

Sem muito cogitar o encontrei na bonita chacara de *N. S. da Nazareth*, do Sr. Castilho.

Assente a primeira pedra, a obra fez-se de um folego.

Como havia já annos que eu lêra aquella chacara, aconteceu que melhormente a podéra ter imitado, se a houvesse relido, e não presistiria tanto em fazer duas rimas obrigadas em cada quadra, podendo, talvez com mais vantagem, jogar uma toante com uma verdadeira rima, cousa que muito caracterisa este genero de composições.

No entanto, como pouca é sempre a harmonia das toantes, eu preferi conservar o escripto assim, embora cada uma das partes d'elle possa parecer monotona.

Se defeito é, á conta fique do mau gosto que tenho.

Mais do que um livro podéra eu citar para o leitor curioso se compenetrar melhor da bonita lenda; mas, valha por todos a referida *Monarchia Lusitana*, de paginas 439 a 441 do Tomo II.

O ABBADE JOÃO

AO SEU COMPADRE E AMIGO

LEOVEGILDO ANTONIO DA CUNHA

Historias e lendas, que ouvimos na infancia
Sentados ao lar,
Rescendem aromas, suave fragrancia
De muito encantar.

Não podem os annos, no curso ligeiro,
De nossa memoria taes crenças levar,
Só levam dos olhos brilhar passageiro,
Só podem nas faces as rugas cavar.

No ouro fundido, feição arbitraria
Não custa a imprimir;
Depois que arrefece, a fórma primaria
Tem longo existir.

Na tenra memoria, ideia que imprime,
Assim é tambem;
Innata se torna, durando sublime
Pela vida além.

Por isso nas cordas do meu alaúde,
Dos contos que sabe contar tradição,
Canções tecerei ao valor e virtude,
Aos bellicos feitos do Abbade João.

I

De Montemór pelos campos
Corre solta a mouraria:
—Montemór por Almansor!
Brada a turba em gritaria.

Almansor, capitão forte,
Nos seus guerreiros confia,
No seu encurvado alfange,
Que é joia da mór valia;

E 'nesse traidor apostata,
Entre os de Christo, Garcia,
E que nas dibras dos mouros
Zuleima por nome havia;

Que havendo sido engeitado,
Nem pae nem mãe conhecia,
Mas homem se tinha feito
Do Abbade na companhia;

E que por nutrir inveja,
Cuja origem se sabia,
Jurára, o tredo, vingar-se
De quem sombra lhe fazia

E, cumprindo seu desejo,
Abraçára a heregia,
E olvidára crenças, patria,
Até o Abbade esquecia!...

Recostado em molle estofo,
Como a seu uso sohia,
A Zuleima e demais chefes
Almansor assim dizia:

— A estrella d'alva, meus bravos,
Nos céus não será tardia;
Eia, sus, aprestae armas,
Que ella será vossa guia.

— Não quero logo na lueta
Em ninguem ver cobardia,
Nem que pedra sobre pedra
Ponha dique á valentia.

— Pelos pannos d'esses muros
Combatereis á porfia;
—D'esse roqueiro castello,
O logar onde existia!

—Da morte a muda tristeza
Tome o logar d'alegria;
Velhos, mulheres, e creanças
Desça tudo á terra fria.

—Esse Abbade abominavel,
Com toda sua abbadia,

Mandae-o por esses ares
Á sua Virgem Maria!

«E dictas aquestas vozes
Como a bom chefe cumpria,
Ergueu-se; que já nas trevas
D'essa noute, a luz rompia.

D'alva a estrella mensageira
Após de si a trazia,
E a brilhante, azul abobada
Em rubra faxa envolvia.

Manhã fresca e socegada
Rompe feroz gritaria:
— Alah! — já bradava um grupo;
— Almansor! — outro dizia.

Nos pendões de Mafamede
O crescente reluzia,
E na adarga d'Almansor
O sol espelhar-se via.

E a turba fervia alegre,
E o anafil retinia,
E as armas assacaladas
A mourisma mais polia.

Um aqui, em pedra propria,
Lanças e adagas afia,
Outro afaga o corcel lesto
Que impaciente nitria.

Já mui grande reboliço
Se vê na mourisma impía,
Todos se aprestam p'ra lucta
Como para gran folia.

Dos bellicos instrumentos
Brava soada se ouvia,
E a turba dos Musulmanos
Ao som d'ella reunia.

Ah! Christãos de Montemór,
Mostrae vossa galhardia,
Porque na lucta sanguenta
Não seja grande a agonia!

II

Balsões e sinas tremulam
Da brisa ao brando soprar,
Trombetas fino resoam
Dos échos no acordar.

De Montemór nos adarves
Christãos se vêm formigar;
Soldados novos e velhos
Move contínuo lidar.

Aureas pulidas celadas
Encantam com seu brilhar,
Lorigas de boa malha
Fazem longo ramalhar.

A todos o Dom Abbade,
Providencias anda a dar,
Guarnecer manda setteiras,
Combatentes aprestar.

E descendo das ameias
Ao templo se foi orar,
Pedindo a Nossa Senhora
Por elles queira velar.

Que essa cruz em que seu filho
Morreu por nos libertar,
Possa d'esses Islamistas
Mais uma vez triumphar.

E nas mãos a cruz tomando,
Sem mais palavra soltar,
Sahiu do templo com ella
Para os seus ir animar.

Por todas praças e ruas
'Num teimoso perpassar,
Andam mulheres e creanças
A se carpir e chorar.

Aqui uma receiosa
De sem marido ficar,
Pede, exora ao céu piedoso
Que a não deixe enviuvar.

Em lagrimas debulhada
Além outra a soluçar,

Faz votos porque seu filho
Possa vir inda a abraçar.

Donzella de tranças pretas,
Olhos negros d'encantar,
Bôcca breve, cinta estreita,
Pés de muito enfeitiçar,

Tambem triste e lacrimosa
Alli se vê suspirar
Pelo amado, que da pugna,
Quiçá não possa voltar.

E o heroico Dom Abbade
Vendo tal desanimar,
Do teso d'um morro baixo
Começou de lhes fallar:

— Proximo á hora da lucta
Porque vos vejo chorar?
Só se quereis por esse modo
Alegria demonstrar.

— Sohiam vossos passados
Pela cruz a vida dar,
E raça de nobres Godos
Em al não póde pensar.

— Eia, pois, tornae-vos dignas
D'essas gentes imitar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz no chão rolar.

—Com esses perros descridos
A lucta vae começar:
Eu sei bem que do crescente
A cruz deve triumphar:

— Mas elles em grande numero
Montemór podem tomar,
Nós, em menos, na bátalha
Podemos todos ficar.

— E se a chusma d'Agarenos
Montemór podér entrar,
Ao menos que a feroz sanha
Nunca possa em vós cevar.

— Eia, sus, apparelhae-vos
Para espadas encarar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz no chão rolar.»

E depois de longa prece,
E após as abençoar,
Mandou todalas mulheres
E meninos degolar.

III

O sol em seu carro lúcido,
Para á batalha assistir,
Já no circulo de bronze
Um quarto dá a medir.

Um — alah! — por toda a parte
Tremendo se faz ouvir,
Após, ruido soturno,
Qual da tormenta o bramir.

Um brado por — Sanct'Iago!
Dos christãos se ouve sahir,
E mil arcos retezados
Mil frechas fazem partir.

Trava-se rija peleja;
A mourisma quer subir,
Mas encontra nos de Christo
O mais tenaz resistir.

Ballistas e catapultas
Tudo querem destruir,
E os pesados ariêtes
Ferradas portas abrir.

Nos pontos mais arriscados
Vê-se o Abbade a esgrimir;
Na dextra a espada terrivel,
Que onde vae não torna a ir.

E os mouros pelas muralhas
Em renitente investir,
E o Abbade dando sobre elles
Sem nenhum o presentir.

Os mouros despercebidos
Quando os Christãos viram vir,

Do seu empenho d'assalto
Tiveram de desistir.

E em grita desordenada
Sobre os nossos a affluir,
Tentavam em laço estreito
Todos elles comprimir.

O chão parecia abrir-se
Para Agarenos cuspir,
E que a turba furiosa
Qu'ria a todos engulir.

Então os christãos começam
Mil golpes a despedir,
E unidos á voz do Abbade
Fazem os mouros fugir.

Os nossos, que dentro estavam,
Ao Abbade vêm seguir,
E o alfange encontra a espada
Ao som de longo tinir.

E destroçando nos mouros
Com teimoso perseguir,
A bom numero, 'nesse dia,
Deram o eterno dormir.

—

Agora que os mouros captivos, sem vida.
Por essa campina estendidos estão.

A nota final á canção promettida
Darei 'nesta lyra ao Abbade João.

E porque a verdade convém que se diga,
Direi o que ainda nas lendas ficou;
E rezam que o Abbade da longa fadiga,
Alfim junto a Ceiça seus dias finou.

E mais d'esta historia por dar uma prova,
Direi que seu corpo lá jaz sepultado
'Naquella ermidinha, que fez toda nova,
E onde mandou, que com muito cuidado,

No collo de neve de Nossa Senhora,
Um risco vermelho fizessem pintar,
Lembrando o milagre em que foi Redemptora
Da gente que o Abbade mandou degolar.

Aqui faz seu fim o Rimance do Abbade,
Que em todala Hespanha se ouvia contar;
E agora em meus versos, á posteridade
Quiçá, Deus o sabe! não custe a lembrar.

PERO GALLEGO

No primeiro volume do *Anno historico*, a paginas 382, relata-se miudamente o caso que originou a canção *Pero Gallego.*

Pero Gallego, o destemido mancebo de Vianna, obrára realmente prodigios!

Enthusiasta d'aventuras, embriagado com a recente gloria do reinado de D. Manoel, com a ventura de seus navegantes, e talvez movido pela sêde de bens que poderia obter nas conquistas, Gallego fez-se ao mar; e, pirata de piratas, o seu nome echoou com estrondo em todos os portos do mediterraneo.

Alguem poderá haver que só veja em Pero Gallego um simples corsario como qualquer d'esses que nos infestavam o Algarve.

Eu não: vejo no mancebo denodado, a coragem e bravura dos vinte annos, estimuladas pela ambição de nome, e quiçá de haveres. Vejo-o offuscado pelo ouro das conquistas que nos perdeu,

como em antigos tempos a Gregos e Romanos, e contra o que já bradava Sá de Miranda:

« Fez, no começo a pobreza
« Vencer os ventos, e o mar,
« Vencer quasi a natureza,
« Medo ey de nouo á riqueza,
« Que nos torne a catiuar.»

Mas, pirata ou aventureiro, fraco ou corajoso, Pero Gallego deu aos Castelhanos, no ancoradouro de Cadiz, tremenda lição!

Era o poder das tradições! era a força moral das victorias, que lhe dava brio e valor!

Por pequeno e debil, um povo póde ser grande, alentado pelos feitos dos seus maiores.

Sparta não tinha muralhas: se a accommettiam, um cinto de homens robustos a defendia! Tal era o valor dos seus!

Leia-se a canção:

PERO GALLEGO

REINADO DE D. JOÃO III

1546

I

Com quatro peças de ferro
Vento em pôpa a toda a vella,
Uma leve caravella,
Em todas as direcções,
Corta do mar as correntes,
Com trinta moços valentes,
Com armas e munições.

Um capitão a commanda
Por nome Pero Gallego,
Que tomou o nobre emprego
De mouros importunar,
Para ver em toda a parte
A cruz de seu estandarte
O crescente derribar.

Lá no brumoso horizonte
Já vê pirata mourisco,

Que procura a todo o risco
Á sua prôa fugir;
Mas nas ligeiras manobras
Das vellas, as grandes dobras
Já o vento as faz abrir.

Não vôa tanto o alcyon,
Que vem de remotas plagas,
Como vôa sobre as vagas
A caravella christã;
Nem mais leve corta os ares
Como rompe erguidos mares
Ligeira a barca louçã!

E o navio do corsario
Logo é feito boa preza,
Por dar começo á empreza,
Do esforçado portuguez,
Que desde a patria Vianna
Muito além do Guadiana
Notaveis proezas fez.

Lança ferro e poja em Sagres,
Onde vende a caravella,
Deixando em logar d'ella
O navio que tomou;
E no qual, abastecido,
O capitão destemido
Outra vez ao mar voltou.

II

«Dae á brisa as vellas todas!
«Que sopra 'neste momento
«De feição!
«Dae á brisa as vellas todas!
«Que é por nós do salso argento
«A monção!

«Ao mar alto, destemidos!
«Caça rija á mouraria
«Com valor!
«Ao mar alto, destemidos!
«Combate á pirataria,
«Sem amor!

«Abatei o collo erguido
«Ás vagas que 'nesse dorso
«Vem quebrar!
«Abatei o collo erguido
«Ao navio que anda a corso
«'Neste mar!

«De Vianna até ao Estreito
«Não domine o oceano
«Mais ninguem!
«De Vianna até ao Estreito?
«Iremos a todo o panno
«Mais além!

«Nas ondas mediterraneas
«Vogue o barco assoberbado
«Sem rival!
«Nas ondas mediterraneas
«Faça grande e respeitado
«Portugal!

III

Sobre a tolda, de pé, enthusiasmado,
Essas fallas dizia o capitão,
Em quanto cada qual vae empregado
Nas antennas, escotas e timão;
Em quanto o leve barco vae levado
Pelo vivo soprar da viração,
E atrás se vão sumindo os patrios montes,
Ficando aguas e céo por horizontes!

As herculeas columnas já descobre
Que o estreito de Gibraltar são agora;
Onde terminou a empreza nobre
O heroe que as levantou ali outr'ora,
Por que mais não viaje, ou feitos obre,
Quem vier d'onde nasce e vem a aurora.
Ali, pois, toda a terra terminava
'Té que Colombo novo mundo achava.

A prôa ao estreito faz Pero Gallego,
E brevemente em novo mar se entranha;
Atrás deixa ficar o immenso pégo,
Africa á direita, á esquerda a Hespanha;

E proseguindo assim no seu emprego,
Por desejar concluir empreza estranha,
O mar talhando vae para levante,
D'onde só voltará um dia ovante.

Tres annos em combates ha passado,
Em victorias, exicios, e pilhagens,
Tornando o proprio nome respeitado
E a fama portugueza em mil paragens.
De tanto triumphar alfim cançado,
E para termo pôr a mais viagens,
Determina vir ás terras portuguezas
Rico de glorias, cheio de riquezas.

A Cadiz arribou o nauta ousado,
Com toda sua audaz tripulação:
De hispana esquadra o porto viu pejado,
Que um tal Navarro tem por capitão:
De ser tambem da Hespanha respeitado
Gallego não maldiz a occasião,
E do tope do mastro o pendão luso
Não desce aos hespanhoes como era de uso.

Raivosos fervem já os castelhanos
Vendo no portuguez tanta loucura:
E assim chamando vão verdura d'annos
Á pura intrepidez, ao que é bravura!
E já de o ameaçar com grandes damnos,
E de lhe dar o mar por sepultura!
Ai! mas d'Aljubarrota a maior gloria
Foi a pagina dourada em nossa historia!

Na alterosa galera capitania
Contra o fraco baixel Navarro avança;
Não para combater, ideia insana!
Vae para castigar com tal pujança
O tal aggravo feito á honra hispana,
D'onde espera tirar atroz vingança;
Que bem mostra dos seus esse rompante
Que parecer os faz povo gigante.

No entanto o portuguez tranquillo ordena
Que as peças se carreguem brevemente;
Que toda a vella penda lá da antenna,
Que se arme de fuzis a mais da gente;
Porque a tripulação com ser pequena,
Guardará sua bandeira nobremente,
Mostrando aos hespanhoes 'neste combate,
Que ainda d'esta vez se não abate.

A tiro já navega a nau possante
Do bravo portuguez que se não move,
Até começo dar á acção brilhante
A que um grande valor muito o demove.
Crendo a approximação ser já bastante,
Gran copia de metralha 'nella chove,
E de quantos mosquetes alli tinha
Tantas ballas tambem lhe manda asinha.

Sobre a tolda baqueiam já sem vida
Não poucos hespanhoes que a tripulavam;
Outros, sendo feridos na investida,
Navarro 'nessa conta numeravam:
E emquanto a nau assim foi recebida,

Já os nossos ao vento as vellas davam,
Deixando os hespanhoes envergonhados,
Ruinosos, abatidos e assombrados!

IV

Do caso memorando, a nobre hespanha
Por fim a Portugal queixumes fez;
Mas, em vez de castigar acção tamanha,
O pio D. João só deu mercês.

FERNÃO RODRIGUES PACHECO

Escriptores ha que nos apresentam o cerco de Celorico como facto verdadeiro e inconcusso: outros, porém, que duvidam de sua existencia, por não acharem documentos em que se fundamentem.

São do Sr. A. Herculano estas palavras: « Quan-
« to ao cerco de Celorico e ao caso da truta ha
« 'nisso um tal sabor de novella, que nos falleceu
« o animo para a mencionar no texto.»

Não me falleceu, comtudo, a mim a necessaria força para desprezar a tradição.

Historia veridica, ou simples lenda, Fernão Rodrigues Pacheco « é o symbolo dos homens, que, na quéda de Sancho, souberam respeitar o pundonor de cavalleiro, e a religião do juramento,» como diz o mesmo historiador.

Para o fim que me proponho, até de summo proveito me apparece a lenda, porque incute nos

animos da gente moça ideias de lealdade, patriotismo, coragem, e de todos os sentimentos que podem nobilitar o homem.

A canção diz assim:

FERNÃO RODRIGUES PACHECO

OU

O CERCO DE CELORICO

—Real, real pelo rei
D. Affonso, o Bolonhez!
Já bradam mil pregoeiros
'Neste solo portuguez;
Já bradam mil pregoeiros
Cada um por sua vez.

No castello de Leiria
Já D. Affonso entrou,
E na torre da menagem
O seu balsão tremulou;
E na torre da menagem
Mais do que um o imitou.

Ruem pontes levadiças
Até pousarem no chão,
E quasi por todo o reino
Já homenagens lhe dão;
E quasi por todo o reino,
Já domina seu pendão.

Rendei-vos, fortes castellos,
Que essa Beira atalaiaes;
Rendei-vos, que o rei D. Sancho
É morto, não volta mais;
Rendei-vos que o rei D. Sancho
Já não quer que o defendaes.

—

Apertado vae o cerco
De Celorico da Beira;
Fernão Rodrigues Pacheco,
D'esse solar de Ferreira,
Inda conserva hasteada
Do rei D. Sancho a bandeira.

Defende suas muralhas
Com estremado valor;
Defende-as com lealdade,
Como a um sagrado penhor:
Como quem nas patrias Quinas
Vê as chagas do Senhor.

Mais lhe vale honrada fama
Por ser leal portuguez,
Do que o seu forte castello
Entregar ao Bolonhez,
Sem saber se negra morte
Seu juramento desfez.

Os sitiantes combatem
Com mais renhido teimar.

Porque o demonio da fome
Lá se fez manifestar;
Mas, nem robustos soldados,
Nem a fome o póde entrar!

Já não havia comidas;
Nem agua para beber,
(Tão apertado era o cerco,
Para um homem se render!)
Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção;
Apertada a garra adunca,
Nas azas toda a extensão,
Como quem se chegar tarde
Póde não dar salvação.

Sobre a altura do castello
Por algum tempo pairou;
Depois desceu, foi descendo,
'Té que mais perto chegou,
E das garras formidaveis
Uma truta ao chão lançou.

Lembrava a formosa aguia
O mais salutar ardil.
Póde mais que o mesmo homem
Ás vezes o ser mais vil:
Ao leão já pôde o rato
Despedaçar o redil.

Em massa de pão de milho
Cozer-se a truta mandou,
E, Pacheco, aos sitiantes,
Da muralha a arremeçou:
— Quando assim ha mantimentos
Ninguem jámais se entregou!

E as tropas de D. Affonso,
Que foi conde Bolonhez,
Cahindo no laço, ergueram
O cerco d'aquella vez,
Pensando que não venciam
Um tão leal portuguez!

BRITES D'ALMEIDA

Quem vive ahi que não conheça este nome? Quem ha que não lesse ainda talvez a melhor pagina de nossa historia, essa que consubstancía o brio e cavalheirismo de Portugal na bellicosa épocha de D. João I? Quem ha que desde o berço não ouvisse pronunciar o nome da *Padeira d'Aljubarrota?*

Eu, que desde a meninice me acostumei a venerar a tremenda pá, aqui deixo esta lembrança do meu respeito e da minha adhesão á sympathica lenda, á popularissima tradição.

Não me diz a memoria que poeta algum a cantasse além do Sr. João de Lemos, no 2.º volume do seu *Cancioneiro*.

João de Lemos canta-a, porém, de um modo diverso do que para minhas canções escolhi.

Talvez que eu não devesse publicar esta composição, para deixar que a posteridade admirasse a heroica mulher nas vozes da tradição, e nos

versos do mimoso cantor legitimista; mas, não ha sido Camões cantado por tantos poetas?

Não disse o engraçado auctor do Hyssope, no começo da sua ode a Vasco da Gama:

«Bem que a teu alto esforço eterna c'rôa
«Tecesse, inclito Gama,
«Clarim sonoro que no Pindo vôa
«Sobre as azas da fama;
«Eu que apesar da inveja, e seus furores,
«Aos astros levo o nome lusitano,
«Á minha lyra o pano
«Pelo mar soltarei dos teus louvores?»

Este pensamento repito, e com taes ideias me desculpo.

Ahi vae a composição: o assumpto é o mesmo; diversa, porém, a acção, o entrecho, os episodios a contextura.

BRITES D'ALMEIDA

OU

A PADEIRA D'ALJUBARROTA

AO INSPIRADO AUCTOR

DO D. JAYME

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
Portugal cá no mundo já viveu;
Foi novo, foi valente e respeitado,
Mas por muito lidar envelheceu.

Como cadaver que descarga electrica
Com abalo tremendo alevantou,
Convulsos membros, com a face tetrica,
E ephemero viver ainda gozou:

Assim as tradições, as patrias lendas,
Qual pilha enorme que o valor produz,
Soltam descargas que por novas sendas
O morto arrastam com fanaes de luz.

Embora Portugal, o pobre morto,
Só fugaz existencia possa ter;
Deve na sua gloria achar confôrto,
Nos feitos dos avós, se quer viver.

—

Por morte de D. Fernando,
Que sem filhos se finou,
E na historia d'este reino
Singelo nome deixou,

Tentaram suster o sceptro
Com que tal rei governou,
Os dous primeiros Joannes
Que a Peninsula contou.

Um d'elles, Rei de Castella,
Sobre Lisboa marchou;
Mestre d'Aviz, o segundo,
Esse jus lhe contestou.

Hispana luzida armada
As ondas do mar sulcou,
E um vistoso e grande exército
As nossas raias entrou.

'Nelle, D. João de Castella
Dous mil ginetes junctou,
E a mais oito mil bésteiros,
Quinze mil, de pé, ligou.

Com setecentas carretas
Que tambem lhe addicionou,
E mais dezeseis bombardas,
O exército completou.

As forças do Mestre, orçavam,
Se bem informado estou,
Por mil setecentas lanças
Que a cavallo apresentou;

Por oitocentos besteiros
Apenas, que lhe aggregou,
E com quatro mil peões
Os de Castella arrostou!

Nun'Alvares, o esforçado,
Na jornada o acompanhou,
E o famoso Mem Rodrigues
Na turma que commandou.

Era a Ala dos Namorados
Que grandes feitos obrou,
Pela Patria e pelas damas
A quem o nome empenhou.

Petrechado o nosso exército
Os Castelhanos buscou,
E juncto d'Aljubarrota
A marcha lhes embargou.

Posições bem escolhidas
A nossa gente occupou,

E o poderoso inimigo
Numa planura acampou.

Luzido e mui animoso
O seu poder ostentou,
No rufar de mil tambores,
Nos pendões que floreou.

Entrementes nossa gente
Mui bem se fortificou;
Na c'rôa d'uns montes baixos
Os de Castella aguardou.

Descendo o sol do zenith
As tres da tarde marcou,
E a voz d'um trom castelhano
Pelos valles retumbou.

Partira os diques ao impeto
Que alli Castella mostrou,
Aquelle tiro primeiro,
Que pelos valles troou.

Qual tempestade d'areia
Que a caravana acossou,
E que na veloz carreira
Fugitiva a sepultou;

Tal sepultar-nos, Castella
Em seu orgulho pensou;
Mas, ai! que—*del dicho al hecho*
Gran trecho sempre se achou!

Deram rijo sobre os nossos
Com rompante que assustou,
E quasi, quasi a victoria
Por elles se declarou!

Mas, 'nisto — S. Jorge e ávante!
Nas nossas filas soou;
E o Mestre d'Aviz, brioso,
Taes fallas aos seus fallou:

— Que é isto, bravos guerreiros?
Á vossa frente não sou?
Não descendeis d'essa gente
Que no Salado se achou?

— Eia! coragem, valentes!
Enthusiasmado exclamou;
E combatendo animoso
A batalha começou.

Tal como quando nas rochas
As ondas se vem quebrar,
E altivas se despedaçam
'Num inutil porfiar;

E as rochas negras, limosas
Se mostram erguidas no ar,
E quaes firmes atalaias
Que a praia estão a guardar,

Repellem continuamente
A furia do bravo mar,
N'essas loucas tentativas
Da terra que'r'er alagar:

Assim se quebram e partem
Em porfioso luctar,
Os batalhões de Castella
Nos fortes em que vêm dar!

Apenas uma diff'rença
No exemplo se póde achar;
É que a rocha encontra as ondas
Sem se mover, sem andar;

E os heroicos Portuguezes
Em teimoso batalhar,
Investem aos Castelhanos
Com denodo d'assombrar!

Bem como o soberbo Ganges
Já no fim do seu lidar,
Parece que as salsas ondas
Faz ante si recuar:

Taes as forças de Castella
Se viam retrogradar,
Ante um punhado de bravos,
Em completo debandar!

E no immenso torvelinho,
E das lanças no estalar,

E no rechino das settas,
Das espadas no brilhar,

E dos trons e das bombardas
Nos roucos sons d'atroar,
E dos ardegos ginetes
No estridente relinchar;

E nos remoques e pragas
Que alli se ouviam rogar,
E nos gemidos d'angustia
Dos que estavam a expirar,

Se via a cópia do inferno,
Como o costumam pintar
Esses debuxos phantasticos
Compostos para assustar!...

Tão f'rida foi a batalha,
Que 'nella vimos ficar
A D. Pedro de Mendoza
E a D. João d'Aguilar;

A Diogo Sanches Sarmento,
A João Fernandes Tovar,
E a muitos que a louca Hespanha
Lá veio sacrificar...

Tambem alguns Portuguezes
Tivemos de lamentar...
Os dous irmãos de D. Nuno
Que lá vimos expirar,

E João Tello de Menezes,
Que não quizeram cantar
Os epinicios comnosco
Nas febres do triumphar!...

Não quizeram, que nefanda
Traição os fez renegar
Da patria, d'irmãos e amigos,
Para a Castella os passar...

Foi a quatorze d'Agosto
Que a lucta teve logar,
De mil trezentos e oitenta
E seis, a bom computar.

Os raios do sol ardente
Já se viam 'sbmorecer;
E além, na cima dos montes
As sombras appar[e]cer.

O chão coberto de mortos,
Rios de sangue a correr,
E uma nuvem de poeira
Que ao longe se via erguer;

Na qual alguns que escaparam
Fugir se podiam ver,
Era tudo o que restava
Do Castelhano poder!

Agora o caso famoso
D'aquella heroica mulher,
Contarei singelamente,
A quem o queira saber.

Chegaram a Aljubarrota,
Começava a escurecer,
Os poucos que na batalha
Se não deixaram morrer.

Mortos de fome e cansaço
Uns pediam de comer,
Alguns uma sêde d'agua
Ao menos para beber!

Mas, clamavam no deserto!..
Ninguem lhes qu'ria valer..
Ninguem qu'ria em suas casas
Esses pobres recolher!..

Semelhante odio de raças
'Té me custa a descrever...
E mais isto não é muito
Ao pé do que vou dizer.

A thia Brites d'Almeida,
De varonil parecer,
Era d'estas patriotas
«D'antes quebrar que torcer.

Era Padeira, é verdade,
Mas Padeira com seu qu'rer,

Vontade energica e firme
Que não havia mais ver!

Sabendo que os Castelhanos
Rojando a custo o viver,
Vencidos, tristes, e fridos
Sem se poderem mexer,

Andavam na sua Villa
De porta em porta a bater,
Tomando uma pá do forno
Sahiu para os receber.

Os primeiros que lhe viram
Os modos d'accommetter,
Puxando das rôtas armas
Ainda a tentaram conter;

Mas ella, com furia insana,
E depois da pá erguer,
Com um terrivel mandobre
Logo um d'elles fez jazer.

E apressando crebros golpes
Sem os contrarios temer,
Fez uns sete Castelhanos
Á pazada perecer.

—

Assim nas historias que li da Padeira
A proeza se encontra narrada em geral;

E todas affirmam que é mui verdadeira,
Bem como outras muitas que tem Portugal.

E para remate da heroica façanha,
Se diz que a Padeira no forno os metteu;
Que para escarmento da gente d'Hespanha
Não só os quiz mortos, tambem os cozeu!

E mais accrescentam, que feita uma estrada
Com ossos dos mortos, mais tarde se viu;
E como lembrando a Padeira afamada
Por mui largos annos depois existiu.

A pá formidavel, em Aljubarrota
É arma que ufanos podemos mostrar;
É marco que indica a tremenda derrota
Que a altiva Castella cá veio buscar.

Agora que ao fim já chegou o meu conto,
Na vossa memoria completo o guardae;
E em quanto da penna me não cahe o ponto,
Por alma dos mortos um *pater* rezae.

D. JOÃO D'EÇA

Foi nos *Annaes de D. João* III, por Fr. Luiz de Sousa, publicados pelo Sr. Alexandre Herculano, onde colhi objecto para fallar de *D. João d'Eça.*

'Naquelles tempos de portugueza gloria, succediam-se os combates navaes nos mares das Indias, e de longe em longe vinha um dia em que as nossas quinas não tremulassem no tope de um parau ou de uma fusta asiatica, e em que um capitão portuguez não ornasse a fronte de louros e não insculpisse o nome no livro da immortalidade.

Portugal era então vigoroso! Deixára a adolescencia no reinado de D. Fernando, para dar seu primeiro passo d'homem feito, conquistando Ceuta em tempo de D. João I, para abrir as portas de novos mundos á velha Europa que os não conhecia, para brandir a lança, a espada e o montante, e para por elles se fazer temido em todo o orbe.

Hoje, velho cançado, aquece os frios membros ao sol de sua gloria!..

Tudo tem infancia e morte.

Na pagina 247 dos citados *Annaes* diz Fr. Luiz de Sousa: « E na verdade foy huma batalha na-« val das bem pelejadas que ouve na India ».

Apropriado me pareceu o consagrar alguns versos ao vencedor do notavel mouro china Cutiale.

'Neste presupposto, escrevi o *D. João d'Eça*.

D. JOÃO D'EÇA

REINADO DE D. JOÃO III

1529

A Lopo Vaz de Sampaio,
Homem d'acção e valor,
De mouros açoute e raio,
Dera o governo das Indias
D. João, nosso senhor.

Para de mouros corsarios
Os nossos mares limpar,
Tinha os meios ordinarios
Que 'nesses tempos de brio
Costumavam empregar.

Paráos, fustas e almadias
Para as costas escorrer,
Mosquetes para agomias,
Para os alfanges, espadas,
E braços p'ra combater.

Era nos mezes do estio
Em que o mar é de feição,

E o numeroso gentio,
Desde Ormuz até Ceylão,
Costuma dar rija caça
A todo o barco christão.

Do ancoradouro de Gôa
Nova armada vae sahir;
Deus a leve em hora boa,
P'ra que possa resistir
A tantos mouros, que as ondas
De si parecem cuspir!

Já ledos os marinheiros
Andam na faina a lidar,
Contentes e prasenteiros
As proas voltando ao mar,
E á fresca brisa da tarde
Procurando as vellas dar.

Era d'esta linda armada
D. João d'Eça, o capitão,
Que com ella encaminhada
Pelos ventos de monção,
Cincoenta vellas aos mouros
Tomou 'naquelle verão.

E sulcando o immenso lago,
O bravo de Cananor,
Para fazer mor estrago
Foi pojar em Mangalor,
Que destruiu, semeando
Nos mouros susto e terror.

E, vencedor do inimigo,
De novo se fez ao mar:
De repente, enorme p'rigo
Póde na frente avistar:
Dá de rosto com sessenta
Vellas, de mui respeitar.

Eram do rei poderoso
De Calecut essas naus,
E um capitão mui famoso
Commandava esses paráos
Com munições, boa gente,
E abundancia de pardáos.

O capitão, mouro china,
Cutial' por nome tem;
Traz comsigo gente dina,
De feito, e limpa tambem,
Que não teme os elementos,
Os portuguezes, — ninguem!

Assim, correu para os nossos
Como quem julga vencer,
E não se lembra dos ossos
Que seu officio sohe ter,
E nem imagina o modo
Por que o podem receber...

Travou-se rija batalha
Como a India nunca viu!
Nuvem de grossa metralha
Do nosso lado sahiu,

E João Tello de Menezes,
Que não quizeram cantar
Os epinicios comnosco
Nas febres do triumphar!...

Não quizeram, que nefanda
Traição os fez renegar
Da patria, d'irmãos e amigos,
Para a Castella os passar...

Foi a quatorze d'Agosto
Que a lucta teve logar,
De mil trezentos e oitenta
E seis, a bom computar.

Os raios do sol ardente
Já se viam 'smorecer,
E além, na cima dos montes
As sombras apparecer.

O chão coberto de mortos,
Rios de sangue a correr,
E uma nuvem de poeira
Que ao longe se via erguer;

Na qual alguns que escaparam
Fugir se podiam ver,
Era tudo o que restava
Do Castelhano poder!

Agora o caso famoso
D'aquella heroica mulher,
Contarei singelamente,
A quem o queira saber.

Chegaram a Aljubarrota,
Começava a escurecer,
Os poucos que na batalha
Se não deixaram morrer.

Mortos de fome e cansaço
Uns pediam de comer,
Alguns uma sêde d'agua
Ao menos para beber!

Mas, clamavam no deserto!
Ninguem lhes qu'ria valer...
Ninguem qu'ria em suas casas
Esses pobres recolher!..

Semelhante odio de raças
'Té me custa a descrever...
E mais isto não é muito
Ao pé do que vou dizer.

A thia Brites d'Almeida,
De varonil parecer,
Era d'estas patriotas
«D'antes quebrar que torcer.

Era Padeira, é verdade,
Mas Padeira com seu qu'rer,

da penna do meu amigo, o Sr. A. F. Simões, intelligente professor no Lyceu d'aquella cidade, e director de sua rica bibliotheca:

A poesia que hoje damos em folhetim foi-nos obsequiosamente offerecida por seu auctor para a *Folha do Sul*, onde em razão do facto que memora, tem melhor cabimento do que em qualquer jornal d'outra provincia. Agradecemos sinceramente a offerta ao sr. Barata, artista de Coimbra, que muito honra a distincta classe a que pertence, e a quem de ha muito nos ligam laços de sympathia e amizade.

É nas horas que as suas occupações lhe deixam livres que o auctor se tem dedicado com proveito á cultura das lettras, e em particular da poesia. No genero da poesia historica popular, a que pertence—*O Barbadão de Veiros*, publicou já algumas notaveis producções, que lhe grangearam merecidos elogios. Em prosa tem tambem alguns trabalhos que denotam natural ingenho e incansavel amor do estudo.

O facto, que dá assumpto ao *Barbadão de Veiros*, acha-se mais ou menos circumstanciadamente

relatado por alguns dos nossos historiadores. D. Antonio Caetano de Sousa dedicou-lhe algumas paginas da sua *Historia Genealogica*, e 'num livro recente que tamanha sensação causou em toda a Europa — *Le Portugal et la maison de Bragance* — conta o auctor o caso do *Barbadão de Veiros*, a proposito da origem da casa de Bragança, referindo que por muitas vezes o recordavam os duques d'este titulo, como motivo de lustre e gloria para a sua familia.

PEDRO ESTEVES

O BARBADÃO DE VEIROS

I

Vêdes vós aquelle velho
Que tão longas barbas tem?
Que sombrio e cabisbaixo
Por aquella encosta vem?
Que pára, encostado á bésta,
Como esp'rando por alguem?

Vêdes-lhe a fronte enrugada
Na velhice prematura?
E como as barbas compridas
Já mostram precoce alvura?
E como os passos tardios
O levam á sepultura?

Como o roble da montanha
Que o fogo dos céos tocou,
E que as folhas verde-escuras
Para logo lhe queimou;
Que sêcca a seiva da vida
Antes de tempo murchou:

Tal o espinho da desdita
Lhe pungiu bem fundo 'nalma...
Tal o fogo da vergonha
Lhe roubou socego e calma,
E ás barbas-longas e brancas
Junctou do martyr a palma.

Lavrador dos mais honrados
D'esta briosa nação,
Viu um dia que a deshonra
Lhe manchára o coração...
Pedro Esteves é seu nome,
Por alcunha o *Barbadão*.

Mas que pensa o moço-velho
No profundo meditar?
— A vingança presta ouvidos;
Quer seu bom nome illibar:
Que ha nodoas que unicamente
O sangue póde occultar.

Que as manchas mais indeleveis
E de maior duração,
São as que a honra maculam,
O nome e a reputação;
E só póde uma outra mancha
Neutralisar-lhes a acção!..

«Que tristeza, Pedro Esteves,
«Tua alegria tomou!
«Quando acabará a magoa
«Que teus dias enluctou?

—Só quando por mim for morto
Esse que a paz me roubou!

A quem é que Pedro Esteves
Tão feias palavras diz?
Porque a bésta de garrucha
Descarregar-lhe não quiz?
— Porque atirava ao valente
D. João, Mestre d'Aviz.

É que sempre que um só homem
Uma espera a outro faz,
Não sendo ainda no vicio
Endurecido e tenaz,
Se lhe falla o inimigo
Já do crime é incapaz!

É da natureza humana
Esta triste condição:
A coragem, muitas vezes,
Afrouxa a mais forte mão:
Este exemplo é bem frisante
Do Mestre e do *Barbadão*.

E bem firme em seu proposito
Da escura offensa vingar,
Barbadão sahira ao Mestre
Para contas ajustar,
E para com sangue d'elle
A negra mancha lavar!

Mas, qual o labéo infame

Que d'um moço um velho fez?
Que tanto manchou o nome
D'um honrado portuguez?
— Vejâmos as nossas chronicas,
Que nol-o dirão talvez.

II

Na villa de Veiros vivia um sujeito
Bemquisto de todos, honrado e leal,
Com elle uma filha d'angelico aspeito,
Que em todo o Alemtejo não tinha rival.

Por nome Ignez Pires, gentil e donosa
Foi mui requestada com grandes paixões;
Que nunca se vira mulher mais formosa
Com tão grande imperio em mais corações.

Nas filas d'amantes que tinha a donzella
D. João se alistou, que foi Mestre d'Aviz:
Mui bem recebido e adorado por ella
Foi elle o ditoso, só elle o feliz.

Dos ternos amores que mutuos se deram
O fructo 'num filho ditosos os fez:
E como lembrando os avós, lhe pozeram
O nome d'Affonso, de Rei portuguez.

O pae d'Ignez Pires, de brios modelo,
Bemquisto de todos, honrado e leal,
Ao ver da deshonra em seu nome tal sello
Maldisse seu fado, cruel e fatal.

As barbas cresceram-lhe a um ponto excessivo,
E o povo por isso o chamou *Barbadão;*
No rosto enrugado, no olhar pensativo,
A dor transluzia de seu coração.

No entanto os successos levaram ao throno
O Mestre d'Aviz, que foi Rei portuguez,
E o homem de Veiros votou a abandono
Projectos que tinha de morte talvez.

Os annos volveram, e da dynastia
De D. João primeiro, já filhos não ha:
Intrusa reinou a cruel tyrannia
Que a *boa* Castella nos trouxe de lá.

Depois, de Bragança dos Duques o oitavo
O mando supremo ditoso assumiu,
E um povo gigante, que já foi escravo,
De bens nova quadra ditoso fruiu.

El-Rei D. João quarto, d'Aviz descendia;
De D. Ignez Pires provinha tambem:
Porque de seu tronco mui bem se sabia
O Mestre ser pae, e Ignez Pires a mãe.

O excelso Monarcha que d'elles procede,
O sceptro sustenta da nossa nação;
E possa na prole que o céo nos concede
Por mui largos annos lembrar *Barbadão.*

SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

A leitura que eu fizera da *conquista do Reino de Pegú na India Oriental*, inserida no tomo 4.º das obras de Fernão Mendes Pinto, impressas em Lisboa em 1829, e a do que ao mesmo assumpto patenteia o *Anno Historico*, me demoveram a cantar os feitos grandes de Salvador Ribeiro de Sousa.

Enthusiasmaram-me as acções d'aquelle heroe!

Empenhei, pois, minhas forças em narrar os prodigios de seu valor, ignorando (de tal não córo) que o harmonioso Elpino lhe consagrára a sua ode 12.ª

Sob o titulo *Massinga*, vira eu no 2.º vol. do *Romanceiro Portuguez*, do Sr. Pizarro, um romance cujo heroe era o mesmo, sendo diversa, porém, a fórma, e mais descorada, talvez, a pintura de suas acções.

Lamento que me encontrasse com Elpino e com Pizarro, pois que o meu intento foi sempre cantar aquelles que acinte o não houvessem sido;

mas estimo-o, porque bom se me offerece o ensejo de confessar que, não foi louca persuasão de melhor memorar suas obras, a mola que me impellia a mal dizer o que outros bem fizeram, e porque posso, terminando estas linhas, dizer ao publico que me ler: que se

«Tributo de caudaes rios acceita,
«Soberbo não rejeite
«Pobre feudo de incognito regato.»

AO MEU AMIGO

JOSÉ PEREIRA JUNIOR

—

Amisade velha, communhão no sanctuario do trabalho, identidade de pensamento em muitas cousas, ambos mineiros da civilisação nas furnas da obscuridade, justo é que vos offereça uma de minhas composições.

Salvador Ribeiro de Sousa faz parte d'um *Cancioneiro Nacional*, que darei á estampa um dia, quando houver cantado as façanhas de muitos

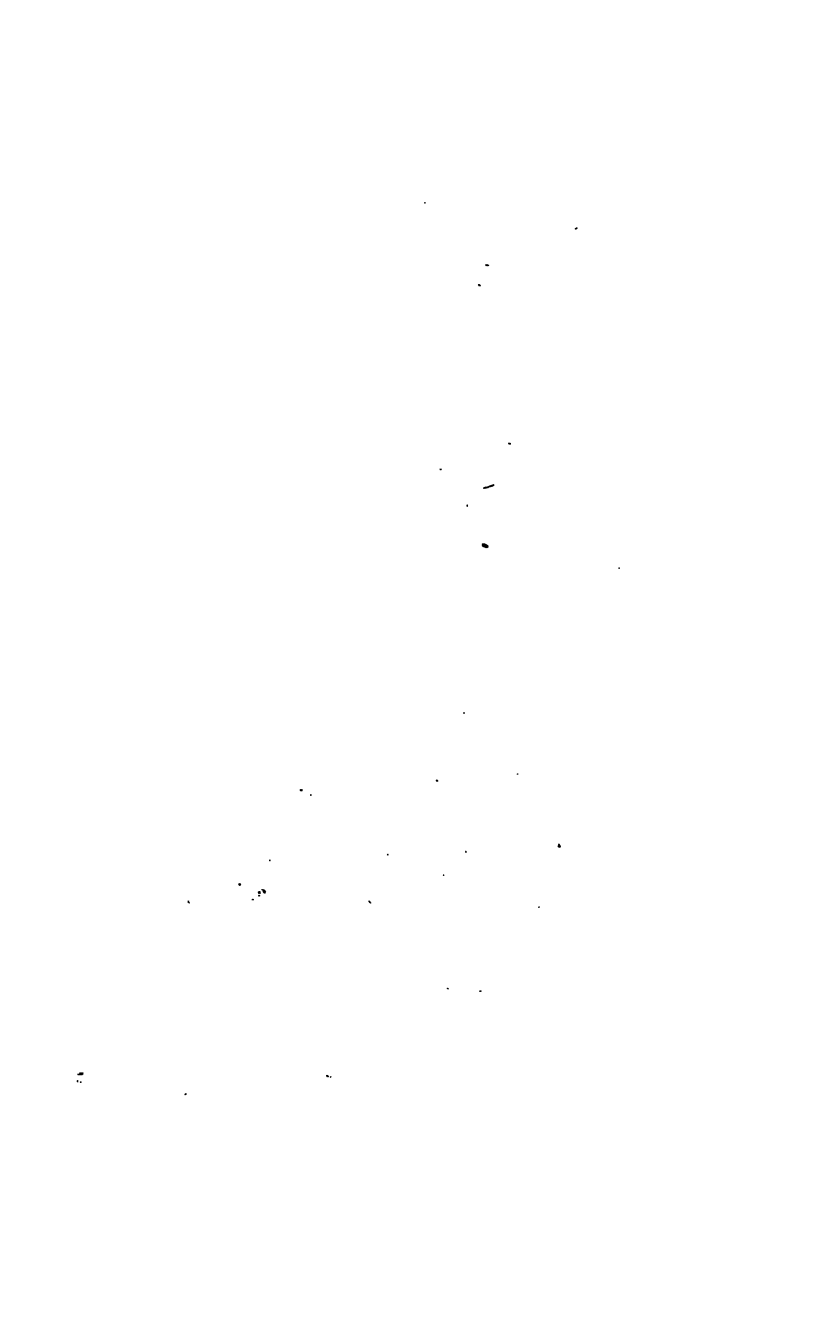
varões prestantes, que assombraram o mundo com seu valor inexcedivel.

Arvore sem cultura só enfesados fructos poderei dar. Tomam-me a seiva da vida as silvas do trabalho, e ferem-me os espinhos de uma sorte avessa: não engeiteis por isso o fructo mal sazonado. A golodices não anda habituado o artista.

Os ricos de bens, os que possuem grandes haveres, podem ter fartura de manjares exquisitos: nós, os ricos de mortificações, os famintos de pão espiritual, saboreâmos tudo á força de provar os azedumes da vida!..

Somos, comtudo, mais felizes: se não havemos passageira riqueza, temos a independencia que nos vem do trabalho, e não chapeâmos de ferro a porta de nossas habitações.

Se com alguma offensa nos maculam os brios e o nome, com a penna e com o desprezo lavâmos essa mancha.

Mas, a que vêm taes ideias? A composição é para vós: que a não leiam os que a acharem acida.

SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

1578 a 1602

O homem que no mundo herdou um throno,
Ou muito ennobrecido ou deshonrado,
É bem pouco a meus olhos
Se o não engrandecer com sãs virtudes,
Provadas por mil vezes nos trabalhos
De uma senda d'abrolhos.

Mas esse que levanta com seus feitos
Um throno d'affeições em que se assenta,
Mais alto do que os seus,
Acatando a virtude e as leis da honra,
Amphora de crystal que o nada encerra,
Vale mais do que um Deus.

Sim, Deus, o Summo Bem, a Essencia Prima,
Unico, sem egual, sem semelhantes,
A quem se ha de elevar?
E o homem entre os seus, que se guerreiam,
E uma esphera procuram em que possam
Mais alto dominar,

Não fará mais que um Deus, já de si Maximo,
Se por suas acções e seu talento
Alto podér subir?
E com laços d'amor e de respeito,
Elementos junctar dispersos, varios,
E um throno construir?

«Talento tens em ti, em ti ha genio,
«Portanto, aspirações que te engrandeçam:
«Sobe, sobe até mim:
«Eu sou teu creador, sou Deus, sou Unico,
«E a Summa perfeição, que nunca teve
«Nem jámais hav'rá fim:

«Principio nunca tive; no infinito
«O mais alto logar é meu imperio,
«Não posso subir mais:
«Tu, com o pensamento que te eleva,
«E com esse aspirar que em mim fallece
«És Deus entre os mortaes».

E foi; e foi um Deus o valoroso
O bravo portuguez a quem meus versos
Vou consagrar agora,
Que lá nas regiões que lava o Mecom,
No reino de Pegú, foi levantado
Como seu rei outr'ora.

I

Eil-o, o valente heroe, rasgando os mares
Na conquista de um nome e d'alta gloria!

Eil-o das ondas arrostando azares
Para uma lauda mais junctar á historia,
Que lá em novos climas, novos ares,
Esforçados varões fazem notoria
Com seus feitos, na terra ou no profundo,
Assombrando a Asia, a Europa, o mundo!

Vae pela patria combater distante,
Porque chega d'aqui ao oriente
A patria amada do varão prestante,
Que viu a luz do dia no occidente,
E que me inspira agora e faz que eu cante
Acções de seu valor humildemente,
Que lyra d'altos sons nem pulso ou tenho
P'ra bem satisfazer ao meu empenho.

Pela espada sómente protegido
Demanda Salvador remotas plagas,
Onde espera tornar bem conhecido
O nome que seu é: entregue ás vagas
Acções cogita com que seja lido
'Té mesmo do porvir nas patrias sagas:
E assim dobrando vae o promontorio
Das *tormentas* chamado tormentorio.

Já passa por Sofala e por Quiloa,
A extensa costa após de si deixando,
E Mombaça e Melinde: para Goa
Ao vento vae o lenho as vellas dando
E ás correntes do mar a aguda proa;
E em quanto com mil p'rigos vae luctando

A penna d'ouro já prepara a historia
Para eterna fazer d'elle a memoria.

Não pára em Goa o navegante ousado:
Mais longe o quer levar a amiga sorte,
Que aquelle emporio com valor ganhado
Portuguezes lá tem d'altivo porte,
Por quem das invasões será guardado,
Em quanto a vida não ceder á morte,
Em quanto lá houver um só dos nossos
E o inimigo poder não for destroços.

Assim por Anchediva e Batecala
A rota vae fazendo o nobre Sousa;
Por Tanor e Cochim obriga a escalla
E o cabo Comorim dobrar já ousa,
Até singrar no golfo de Bengala,
Pojando em Syrião, onde repousa
Das fadigas do mar sempre inconstante,
No reino de Pegú lá tão distante.

Com razoavel pretexto logo funda
Uma casa com ar de fortaleza;
De grossos baluartes a circumda,
Para melhor servir á sua empreza
De fazer guerra 'num paiz que abunda
Em ouro e prata e muita mais riqueza,
E poder acudir mui facilmente
Ás nossas possessões mais a oriente.

Comtudo, carecia o bom Ribeiro
Que da India os vice-reis o soccorressem

Com braços, munições e com dinheiro,
Para que d'este modo ali podessem
Alguma permanencia obter primeiro;
E dado que os Pegús o accommettessem,
E sua praça derruir tentassem,
Já preso ao solo com raiz o achassem.

Estava então o reino dividido*
Em muitos regulos que a ambição perdia,
Quando o mais poderoso e mais temido,
E que Banhadalá por nome havia,
Um exército ergueu mui aguerrido,
Com o qual destruir-nos pretendia:
Com seis mil homens mais de cem navios
Vogavam a encontrar os nossos brios.

Mas Salvador Ribeiro que só tinha
Remadas por christãos umas seis vellas,
Contra essa armada que no rio vinha,
D'alcanzias de fogo, ou de panellas,
As manda guarnecer como convinha;
D'escopetas, espadas e rodellas,
De trinta portuguezes destemidos
Affeitos a vencer, jámais vencidos.

Repontára a maré: a nossa armada
Sobre o seu collo já se entrega á brisa;
Já prestes cada vella é infunada;
E cada embarcação veloz deslisa:
Entretanto essa frota procurada
Inda lá muito longe se devisa;

A penna d'ouro já prepara a historia
Para eterna fazer d'elle a memoria.

Não pára em Goa o navegante ousado:
Mais longe o quer levar a amiga sorte,
Que aquelle emporio com valor ganhado
Portuguezes lá tem d'altivo porte,
Por quem das invasões será guardado,
Em quanto a vida não ceder á morte,
Em quanto lá houver um só dos nossos
E o inimigo poder não for destroços.

Assim por Anchediva e Batecala
A rota vae fazendo o nobre Sousa;
Por Tanor e Cochim obriga a escalla
E o cabo Comorim dobrar já ousa,
Até singrar no golfo de Bengala,
Pojando em Syrião, onde repousa
Das fadigas do mar sempre inconstante,
No reino de Pegú lá tão distante.

Com razoavel pretexto logo funda
Uma casa com ar de fortaleza;
De grossos baluartes a circumda,
Para melhor servir á sua empreza
De fazer guerra 'num paiz que abunda
Em ouro e prata e muita mais riqueza,
E poder acudir mui facilmente
Ás nossas possessões mais a oriente.

Comtudo, carecia o bom Ribeiro
Que da India os vice-reis o soccorressem

Com braços, munições e com dinheiro,
Para que d'este modo ali podessem
Alguma permanencia obter primeiro;
E dado que os Pegús o accommettessem,
E sua praça derruir tentassem,
Já preso ao solo com raiz o achassem.

Estava então o reino dividido
Em muitos regulos que a ambição perdia,
Quando o mais poderoso e mais temido,
E que Banhadalá por nome havia,
Um exército ergueu mui aguerrido,
Com o qual destruir-nos pretendia:
Com seis mil homens mais de cem navios
Vogavam a encontrar os nossos brios.

Mas Salvador Ribeiro que só tinha
Remadas por christãos umas seis vellas,
Contra essa armada que no rio vinha,
D'alcanzias de fogo, ou de panellas,
As manda guarnecer como convinha;
D'escopetas, espadas e rodellas,
De trinta portuguezes destemidos
Affeitos a vencer, jámais vencidos.

Repontára a maré: a nossa armada
Sobre o seu collo já se entrega á brisa;
Já prestes cada vella é infunada,
E cada embarcação veloz deslisa:
Entretanto essa frota procurada
Inda lá muito longe se devisa;

Que é na razão inversa da grandeza
De tudo o que move a ligeireza.

Vogava contra o esto a esquadra imiga,
Portanto, qual reptil, morosamente;
Protege a nossa a mesma causa, e obriga
A voar-lhe ao encontro a nossa gente,
Que, pouca em numero, mas leal e amiga,
Fará ver á mourisma que o occidente,
Com ser a região que o sol occulta,
Aos bravos filhos seus mais luz faculta:

E que, na intrepidez e na bravura,
Sempre o sol da grandeza os alumia;
Que nas suas acções não ha negrura,
Porque no seu valor é sempre dia:
Que o genio portuguez só deixa a altura
Quando vae repousar na campa fria,
Quando de todo a luz é apagada,
Quando, pago o tributo, é cinza, é nada!

Já perto se avistavam: na contenda
Se empenha cada qual com gran denodo
Enorme cuquiada em grita horrenda
Aos mouros dá valor lá a seu modo;
E sem que no ruido alguem se entenda,
Sacrificam alli seu poder todo,
Tinindo crizes, despedindo settas,
Mandando ballas sobre nós inquietas.

O forte Salvador 'neste momento
'Num diluvio de fogo os embaraça

Que emquanto a devoções el-rei se entrega
A armada lhe accommette impetuoso;
E na breve, confusa e audaz refrega,
O exército lhe vence numeroso,
Não lhe valendo preces, sacrificios,
Em tal destruição, em taes convicios.

Fugiram todos; só Massinga, o bravo,
Que prompto alli voltou o combatia,
Pois do nome e valor em desaggravo
A mesma propria vida até daria
Para d'um portuguez não ser escravo,
E nobreza mostrar e valentia:
Que o sorriso do labio vencedor
É 'num exilio o mais cruel horror!

Massinga fôra o cedro que arrostava
A furia ao vendaval que o sacudia;
Salvador, o tufão que aniquilava
Tudo, tudo o que mais lhe resistia!
Assim, ao pobre rei a morte dava,
Que o throno e as ambições ali perdia,
Deixando o portuguez victorioso,
Socegado, feliz e poderoso.

II

A fama da morte do triste Massinga
Em breve no reino se fez conhecer,
E das injustiças dos mouros se vinga
A Sousa offertando um extenso poder.

Ministros dos deuses, os nobres e o povo
Suppondo que Sousa não era mortal,
Resolvem concordes fazer um rei novo,
Um rei que não tenha no mundo rival.

E pois que a fortuna andou sempre a seu lado,
Com festas immensas seus preitos lhe dão,
E pondo-lhe o nome do rei desthronado
Massinga se chama por toda a nação:

E mais lhe accrescentam—*Quiay*-deus da terra,
E assim o respeita já todo o Pegú,
E até alliança perfeita, e não guerra
Os reis solicitam d'Ová e Tangut.

Por falsos avisos, no entanto, movido
Lhe expede umas ordens o seu vice-rei,
Nas quaes d'esse cargo em que foi investido
Mui prompto o exautora por mando da lei.

Submette-se ás ordens o heroico soldado!
Que assim costumava cumprir seu dever;
Porque preferia morrer ignorado
A a patria dos bravos jámais esquecer.

Agora d'esse homem que tão grande exemplo
De immensa fortuna na historia deixou,
Sómente Alemquer inda guarda 'num templo
A campa funerea em que alfim descançou.

O CONDE DOS ARCOS

A *Semana*, periodico litterario que se publicou em Lisboa, insere a *ultima corrida de touros em Salvaterra*, do Sr. L. A. Rebello da Silva.

Assumpto achei 'nella para o *Conde dos Arcos*. Se por um lado a soberba descripção me indignou contra as touradas; se 'num tempo em que a vontade de um homem extraordinario fazia mil reformas liberaes, antecipando e antevendo o reinado de uma nova ordem de ideias, sem curar da extincção de semelhante espectaculo, opprobrio de um povo civilisado, maravilhou-me o rejuvenescimento de um velho que pede á morte forças, para vingar 'num irracional furioso a perda de um filho.

Sublime me pareceu o quadro, e digno do pincel e da tela poetica.

Por isso escrevi o *Conde dos Arcos* que sendo publicado no *Commercio de Coimbra*, foi precedido d'esta dedicatoria:

AOS MEUS COMPADRES

ANTONIO BERNARDINO CERQUEIRA LOBO

E

RODRIGO AUGUSTO VELLOSO

Uma das cousas mais bem escriptas, e descriptas que tenho visto em lingua portugueza, é, sem contradicção, *A ultima corrida de touros em Salvaterra*, do nosso accurado escriptor Rebello da Silva. Escusado é, pois, encarecel-a aqui com elogios sem força. Mereceu as honras de ser vertida em francez por Mr. Fournier, e isto não é pouco.

No meu empenho de cantar em pobre metro as lendas e tradições da patria, os feitos e as acções homericamente heroicas de nossos maiores, acordou-me a vontade de poetar o magnifico escripto a que vou alludindo. Mas que? Achei-me de repente mettido 'numa camisa de onze varas, como vulgarmente se diz, 'numa como ensanguentada tunica de Nessus; que me apertava a vontade sem poder esmagar o meu intento. Era forçoso, por tanto, cantar *A ultima corrida de touros em Salvaterra.*

Dizer-vos o que soffri na incubação (relevae o termo) do *Conde dos Arcos*, fôra, além do inutil, desnecessario, porque bem conheceis as innumeras bellezas com que o primoroso escriptor adornou o soberbo quadro, e bem sabeis tambem a que finos traços, a que delicados adornos se presta a prosa, quando mão habil lhe ordena que descreva, e pinte.

São vantagens da prosa sobre a poesia, que só desconhecerá quem nunca fez um verso.

Sobreleva vantagens, é certo, a poesia; mas 'num estilo apanhado, vigoroso, conciso; 'num estilo axiomatico.

A poesia campeia altiva na região do pensamento; como locomotiva a grande velocidade vôa de uma ideia a outra; as suas estações intermedias são as nugas que despreza.

A prosa não é assim; tudo descreve, comtempla, esmiuça; como escalpello em mão de intelligente operador, descobre o musculo mais recondito, a veia mais delgada.

Não póde a poesia, com o onus da rima, com o numero de versos para cada estrophe, especializar como a prosa; e d'aqui me veio o grande receio que tive de não fazer cousa que se lesse.

Se me não illudo, creio que podia ser menos feliz; por isso vos offereço esta composição, que,

se não fôr digna de vós, não será, comtudo, indigna de um artista.

Não é perfeita, porque a não póde ser: tem defeitos, talvez erros; mas, aquelles, acceitae-os como pecha inherente ás obras do homem, e estes, considerae-os como cifra commercial, ou marca da casa.

O CONDE DOS ARCOS

REINADO DE D. JOSÉ

I

El-Rei D. José primeiro
Governava em Portugal;
Apesar de que as beatas
E a fidalguia, em geral,
A meia voz murmuravam
Que era o Marquez de Pombal.

E a razão que apresentavam
Para do Rei murmurar,
Era que o nobre Ministro
No *throno* estava a reinar,
Porque o Monarcha indolente
Estava ao *torno* a tornear.

Isto diziam os imigos
D'El-Rei D. José primeiro,
Porque sabiam do gosto
Que o Rei tinha em ser torneiro;
E... não sei; até as honras
Lhe davam de um bom toureiro.

Mas, deixando os maldizentes
Em seu eterno ralhar,
Corrâmos a Salvaterra,
Que ha lá festa d'assombrar;
'Té o Rei, com toda a côrte,
Á funcção não quiz faltar.

Uma corrida de touros,
Raça andaluza de lei,
Attrahe grande concorrencia,
De terras que nem eu sei!
Convida toda a nobreza,
Chama a côrte e chama o Rei.

O pequeno amphitheatro
Ninguem mais póde conter;
Os trages, na côr diversos,
É cousa linda de ver;
¿Pois as bellas portuguezas?
Mal se podem descrever.

Os Forcados e os Capinhas
Que bem vestidos estão!
Seus fatos á castelhana
Airoso garbo lhe dão:
Cabellos bem penteados
Capa vermelha na mão.

Cavallos e cavalleiros
Nunca se viu cousa assim!
Os brasões de seus maiores
Na gualdrapa de sellim

A espada em forro de prata
Pende de rico telim:

Velludos, rendas e cassas,
Seda e ouro em profusão;
Penachos de finas plumas
Tremem pendidos ao chão;
Muita alegria nos rostos,
Muita fé no coração:

Muita firmeza nas sellas,
Em muitos peitos valor;
Nos homens muita loucura,
E nas bellas muito amor:
Tal essa gente aguardava
Um drama de pranto e dôr!

II

Já resoam charamelas,
Á tribuna El-Rei chegou,
E 'num viva immenso, unísono,
A multidão o saudou.

Em seguida, um cavalleiro
Galopando, a arena entrou;
Circumdou-a com mestria,
E, em certo ponto, quedou.

A um rosto que um véu cobria
Os negros olhos mandou;

Sorriu-se, e da mão da bella
Uma rosa ao chão tombou.

Deu de esporas ao ginete
Que, como a setta, voou;
E ao passar junto da rosa
Na lança destro a tomou.

Depois, em meio d'arena,
Sustendo a brida, estacou;
E, volvendo á dama os olhos,
Como de pedra restou.

Quem sería o cavalleiro
Que a donzella cortejou?
E quem sería a formosa
Que velada se mostrou?

Se o sabia o cavalleiro
A ninguem o divulgou:
Como a pomba occulta o ninho
O seu amor occultou.

Elle, era o Conde dos Arcos,
Que amor á bella jurou:
Progenie dos Marialvas
De quem o valor herdou

Vestido á Luiz quatorze,
De lucto se apresentou.
Sería agouro sinistro?
Jesus! alguem o pensou

Abriu-se a porta do curro...
Um touro na praça entrou
Na mais rapida carreira...
Mas, de repente, parou.

No cavallo e cavalleiro
Os igneos olhos fitou;
Depois, retrahindo um pouco,
Fero mugido soltou.

E, precípite correndo,
Ao cavalleiro voou;
Que, premendo bem a farpa,
Sobre o arção mais se firmou.

Momentanea anciedade
De todos se apoderou,
Até que o Conde dos Arcos
No touro a farpa cravou,

E lesto sobre o ginete
Do touro se desviou,
Ao som de um brado tremendo
Que pela praça troou!

Imponente na agonia,
O boi a terra escarvou;
E, mugindo ferozmente,
Como em lethargo ficou.

D'essa inacção dolorida
Presto o Conde o accordou;

Na corrida, a farpa aguda
Pela fronte lhe roçou.

Sobre o Conde desgraçado
O boi se precipitou...
E, 'num és não és, cavallo
E cavalleiro prostou!

Depois, nas pontas agudas
O pobre moço tomou,
E, sacudindo-o com força,
Aos ares o arremeçou...

O corpo desceu á terra,
Mas não mais se laventou...
E o touro da côr da noute
Vencedor então urrou.

III

Quem será aquelle vulto
Que ao cadaver insepulto
Tanto aperta e beijos dá?
É o velho Marialva,
Conheço-o na fronte calva
E nas barbas brancas já.

É o pae do desditoso
Que seu ultimo repouso
Na tourada veio achar;

É seu pae, que allivio sancto
Encontra no ardente pranto,
Antes que o possa vingar.

Guerreiro de D. João quinto!
Mostra valor não extincto,
Não succumbas, velho, não!
Que o sangue de um filho amado
Fumega por ser vingado
Do pae pela propria mão!

— Vede o velho, ao chão pendido,
Como se apruma, aquecido
Na febre de interna dôr!
E se um filho á terra desce,
Como um pae rejuvenesce
Pelo paternal amor!

Eil-o! já empunha a espada
Ha pouco por elle dada
Ao filho que tanto amou:
Lá toma a capa escarlate
Para entrar 'nesse combate
Em que seu filho expirou.

Eil-o ahi vae! já não parece
Um homem que não aquece
O sangue que as veias tem;
Erguida a cabeça altiva,
Parece uma estatua viva
Que automatica alli vem!

Parece que a natureza
Lhe deu graça e deu belleza,
Coragem, garbo, vigor;
Tem as barbas côr de neve,
— Mas o andar airoso e leve,
— Mas do mancebo o valor!

Na direita a aguda espada,
Na esquerda a capa incarnada,
Ao touro vae o Marquez:
Á furia lhe furta o alvo,
E adiante, são e salvo,
Lhe surge por muita vez!

Arqueja e espuma raivoso
Cada vez mais furioso
O corpulento animal;
¡E o alvo sempre a escapar-lhe!
¡E o Marquez sempre a acenar-lhe,
Em lucta tao pouco egual!

De repente, Marialva,
Descobre a fronte já calva,
Bate as palmas, corre ao boi:
O touro, de um pulo, avança...
Co'a espada o Marquez o alcança
Porque ao encontro lhe foi;

Sustendo-lhe a furia brava
Detraz da nuca lh'a crava
E dá com o boi no chão;

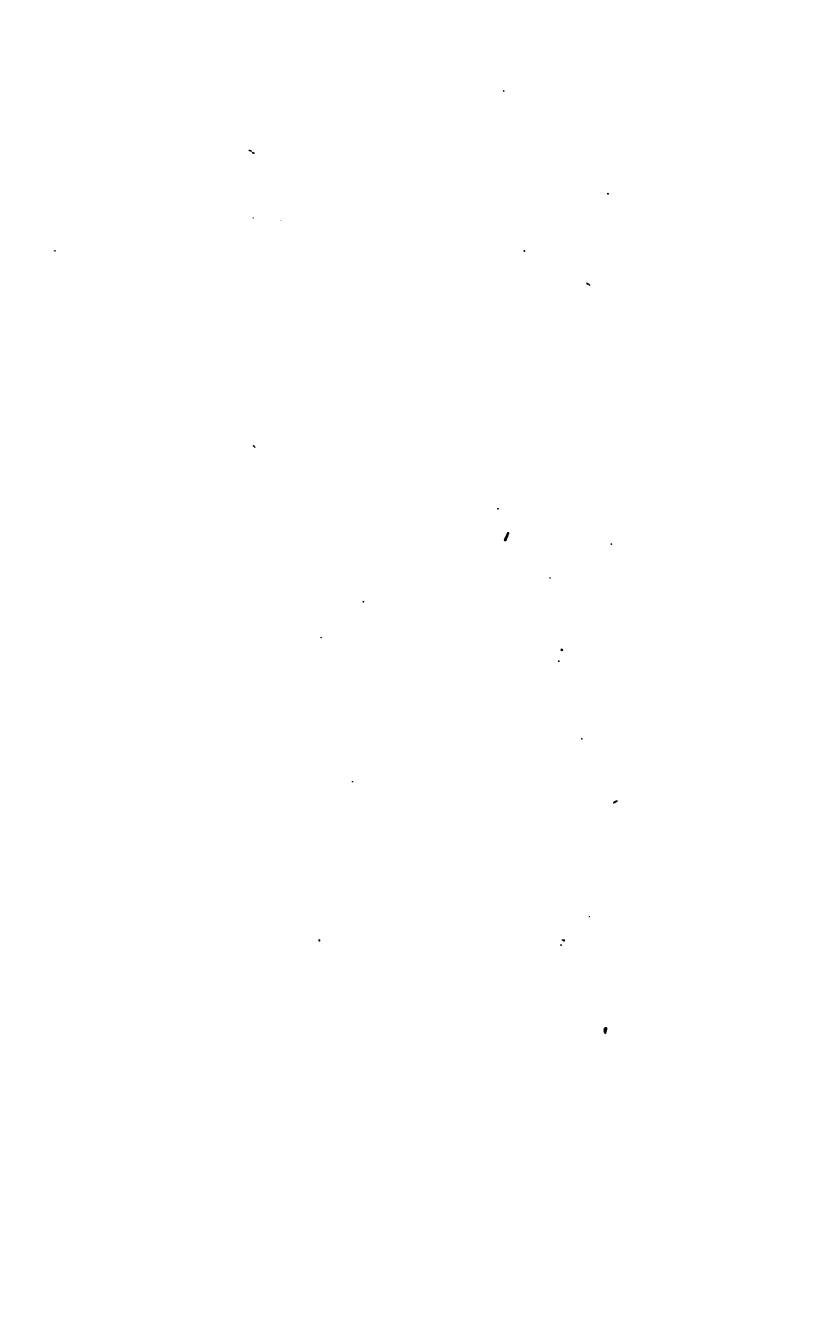
E em quanto seu filho abraça,
Rebenta por toda a praça
Estrondosa acclamação!

E o Marquez de Marialva
Limpando a fronte já calva,
Vencedor era a final:
Da arena desvia os passos;
Mas, 'nisto, cingem-no uns braços...
— Era o Marquez de Pombal.

IV

Consta, por fim, que o Ministro
D'El-Rei D. José primeiro,
Fallando de tal sinistro,
Dissera assim ao Toureiro:
(Na phrase da fidalguia
Que o Monarcha aborrecia.)

— Senhor! declaram-nos guerra!
— Poupe os vassallos leaes:
— Lançar homens a animaes
— Não é de bem avisado.

« Marquez! estou emendado;
«¡Nunca mais em Salvaterra
« Haverá touradas reaes.»

D. PEDRO AFFONSO

Ainda do *Anno Historico* tirei o espirito d'esta composição.

D. Pedro Affonso fôra um homem dos mais notaveis no reinado do nosso primeiro Rei.

Educado por Egas Moniz, conjunctamente com seu irmão Affonso, temperou e aferiu os sentimentos de sua alma pelos do mestre, sahindo não menos delicado e brioso cavalleiro pela educação, do que esforçado pelo nascimento.

E, em verdade, que melhor eschola não podia ter para consumado guerreiro!

Ao lado de um homem corajoso para quem o condado de Portugal era lemitadissimo campo a suas ambições, uma serie de victorias lhe patenteava a senda do renome, da fama, da immortalidade.

Destemido em Trancoso, valente em Santarem, experimentado, vigilante e generoso no cêrco e tomada de Lisboa, D. Pedro Affonso ele-

vou-se a uma altura para que se não olha sem respeito.

Não foram seus cuidados sómente dilatar o ninho da aguia que a olhos vistos crescia e implumava, para mais tarde desferir audacioso vôo em busca de terras desconhecidas, mas implantar no solo portuguez a cruz de Christo, como arvore a cuja sombra medrassem todas as instituições proveitosas á humanidade.

Assim, essa grande fabrica de Alcobaça, ainda hoje arruinada representante das necessidades de uma épocha, por seus esforços se fundava, crescia, prosperava.

Complete Mariz estas considerações; «...depois de muitas cavallarias, que em ajuda d'El-Rey seu irmão fez, entrou em a Religião de S. Bernardo, no Mosteiro de Alcobaça, onde morreu, e está sepultado.»

D. PEDRO AFFONSO

25 D'OUTUBRO DE 1148

I

Reinava o primeiro Affonso
No breve reino que herdára,
E 'naquelle que á mourisma
Com seu valor conquistára.

Lisboa, a nobre cidade,
Pelos mouros ainda estava,
Apesar do estreito cêrco
Que de perto a ameaçava.

Era pedra preciosa
Que muita gente invejava,
E que d'Affonso primeiro
Inda na crôa faltava.

Assim do Tejo a princeza
Por mar e terra cercada,
Aos nossos por cinco mezes
Resistiu sem ser entrada.

Mas ao cabo d'esse espaço
Sulca o Tejo extranha armada,
E Lisboa, a forte, a grande,
É prestes a ser tomada.

Antes, pois, que nossas quinas
Alli sejam exalçadas,
Cousas diremos do cêrco
Que devem ser memoradas.

II

Pedro Affonso, afamado guerreiro,
Foi d'Affonso um irmão natural,
D'esse bravo que foi o primeiro
Rei, que teve este bom Portugal.

Nas batalhas d'Ourique e Trancozo,
E depois no tomar Santarem,
Por seu Deus fez seu nome famoso,
Por seu rei combatendo tambem.

De Lisboa no cêrco lembrado
Commandava 'num troço d'heroes,
Como o sol 'nesse espaço azulado
Manda e guia cardumes de soes.

Com seu braço valente impedia
Que algum fosse a mourisma ajudar;
Pois que a gente do Algarve podia
Soccorrel-a por terra ou por mar.

Noute escura, sem lua, sem 'strellas,
Quem os campos iria correr?
Quem dispensa o brilhar e luz d'ellas,
Quem deseja cumprir seu dever:

Quem na sella ou na espada encostado,
Breves somnos costuma dormir;
Quem é d'elles tambem despertado
Se ouve d'armas um leve tinir:

Quem nasceu para ser um guerreiro,
Quem foi typo de brio e valor,
Quem irmão foi d'Affonso primeiro,
Quem nasceu para ser vencedor.

III

Ferrea ponte levadiça
Foi além ao chão lançada;
Tropel confuso de vozes
Quebra da noute a callada.

São trinta mouros que sahem
De Lisboa em arrancada,
E livram donosa moura
De ser breve captivada.

Não galopam, correm, voam,
Por sobre hervosa esplanada,
Acicates nos ginetes
Respiração abafada,

Ondeia ao vento da noute
A madeixa desatada:
Enfunam-se as vestes largas,
Pelo vento vae levada.

Ai quem fôra leve brisa
Que nos ares te levára!
Ai quem fôra subtil zephyro
Que nas roupas te brincára!

Ou quem fugitivo gamo
Perseguido na caçada,
Que te colhêra, donzella,
Linda moura enamorada!

IV

As aves gorgeiam nas balsas sombrias,
Os crepes da noute já rompe a manhã;
E ao som d'esse côro de mil harmonias,
A moura já entra na tenda christã.

Captiva dos nossos, com joias, com ouro,
A esposa formosa do infiel Cide Achim,
Soltando gemidos, vertendo gran chôro,
Queixosa dizia lamentos assim:

«Não quiz o destino que eu fosse ditosa,
«Que os ferros do exilio podesse evitar,
«Não quiz que á matança, talvez horrorosa,
«A filha do [illegible]

«Guerreiro de Christo, salvae a donzella,
«Da negra deshonra, da morte talvez...
«Daixae que eu procure um abrigo em Castella,
«E o nome bemdiga do heroe portuguez.

«A cruz por instantes derriba o crescente;
«Lisboa mal póde seus muros guardar;
«E a filha d'Ulysses, antiga e potente,
«Submette-se ás forças da terra e do mar.

V

E das bandas de Lisboa,
Inda mal se distinguia,
Um certo ponto avultava
Quanto mais perto se via.

Correu, chegou; e já perto
O vulto se conhecia,
Era um mouro dos Algarves
Que Lisboa defendia.

Abastado nobre moço,
Cide Achim por nome havia;
Namorado louco amante
Após da moura corria.

—Como d'alva a branca estrella
Nos premostra a luz do dia,
Más novas um peito amante
Quasi sempre as annuncia...

Mas nas graças da ventura
Que o coração presagia,
Erra, mente; e quantas vezes
Muda em prantos a alegria!

— Quem penetra taes segredos?
Quem entende esta harmonia?
Esta esp'rança e desenganos
Que nos são fanal e guia?

Este sempre anhelar intimo
Que a mente nos alumia?
Este antever mysterioso
Que nos segue á campa fria?...

....

Á tenda de Pedro Affonso
Cide Achim seus passos guia,
E, curvando-se a seu modo,
Taes palavras lhe dizia:

«Pelas luas do propheta
«Não ha muito combatia;
«De Lisboa os vastos muros
«Com meu ouro abastecia.

«Mas no ceu de minha vida
«Um astro resplandecia!
«Mas no calor do combate
«Esta mulher me sorria!

«Dae-lhe vós a liberdade
«Para seguir sua via,
«Que minha adaga e alfange,
«Contra vós jámais se afia.

«Pois a gente assoldadada
«Que a meu mando obedecia,
«Em lhe faltando o meu ouro
«Logo perde a valentia.

—

Aceitou D. Pedro Affonso
Tudo o que o mouro pedia,
E Lisboa, a forte, a grande,
Pouco depois se rendia.

Não, comtudo, sem combate
Que nos deu a mouraria,
Concedendo um nome eterno
Aos christãos 'naquelle dia.

—

Depois do que dicto já fica em meus versos,
Agora mui pouco se póde augmentar:
Porém alguns factos que ainda andam dispersos,
As cordas da lyra farão relembrar.

Tomada Lisboa como é, pois, sabido,
A França D. Pedro brioso passou;

Pontificia, sem ter perdido o amor a D. Ignez, nem o capricho de a fazer Rainha, valesse o que podesse valer.»

Depois de palavras tão auctorisadas, falso parece o casamento em vida, da linda e desditosa Ignez: mas, verdadeiro ou falso, historia ou lenda, assumpto é d'amorosa poesia, e de crenças populares, que bom será não deixar morrer.

As crenças de um povo são o dique de suas febris paixões, como podem ser poderoso estimulo a grandissimos feitos.

O CONSORCIO MYSTERIOSO

Um dos pontos controvertidos de nossa historia é o casamento de D. Pedro I com D. Ignez de Castro, na Sé de Bragança, e annos depois, feito publico em Cantanhede.

No *Anno Historico*, repositorio animador de brios nacionaes, embatem-se opiniões que o affirmam e que o negam, e no tomo I das obras de Fr. Francisco de S. Luiz, pag. 209, diz o notavel critico: «Reflectiremos tamsómente que o casamento d'aquelle Principe com D. Ignez he ainda hoje um facto problematico, e a sua nullidade (se o houve) quasi decidida. Até parece, que o mesmo Rei D. Pedro reconheceu esta nullidade, pois supplicou ao Papa Innocencio VI a dispensação dos impedimentos, e a legitimação dos filhos que lhe foi denegada. E esta foi a nosso juizo, a verdadeira causa porque elle demorou tres annos a declaração publica do mesmo casamento, fazendo-o sómente quando perdeu a esperança da graça

Dizem que esperam alguem:
Um traja como fidalgo
Mas o outro de bispo vem.

Um terceiro accende as velas
Que dão luz ao altar mor;
E nem mais um'alma viva!
Sombras sómente em redor,
E algum echo murmurante
'Num ou 'noutro corredor...

Quem, pois, explica o motivo
De tão grande madrugar?
E para que é tanto lume
Que se accende em cada altar?
E as portas do velho templo
Se abriram de par em par?

II

Na Sé de Bragança
Dous vultos entravam,
Os braços se davam
'Num laço d'amor,
E sem mor tardança
O par mysterioso
Sorrindo ditoso
Orava ao Senhor.

Veludos custosos
O homem trajava.

O CONSORCIO MYSTERIOSO

1335

A PEDRO JOSÉ DA CONCEIÇÃO

I

Portas da Sé de Bragança
Abertas de par em par
Ás horas mortas da noute!
Que quer isto denotar?
Brandões accesos lá dentro
Antes do dia raiar!

Será que os mortos pretendam
Suas funcções lá fazer?
Ou algum de seus peccados
Da campa os fizesse erguer?
Ou serão almas penadas
Que perdão não podem ter?

Mas os mortos não se movem;
Os mortos falla não têm;
E dous d'elles em conversa

Sorrindo ventura
Sahiram depois.

O bom do prelado
E Estevam Lobato,
Sem mais apparato
Seguiram tambem:
O dia era nado;
Fechára-se o templo,
E do amante exemplo
Não soube ninguem.

III

O fim desgraçado da amante formosa,
Não devo em meus versos ao mundo narrar,
Camões o cantára na lyra famosa,
Na lyra que o genio sohia afinar.

Condor atrevido, 'num vôo sublime
De Ignez á desdita conquista o porvir;
Em verso magoado que a dor só exprime,
Quem póde com elle seus vôos medir?

IV

Uns seis annos depois, em Cantanhede,
Se achava então o rei de Portugal;
De Sancta Cruz de Coimbra, mui adrede
Alli mandára ter o seu Coral

Os prelados que havia em redondeza
Sem grande dilação mandou chamar,
Um convite tambem fez á nobreza,
A quem segredos seus quer divulgar.

E D. Pedro, o *cruel*, o *justiceiro*,
Seu consorcio alli notorio fez;
Pois que sem inda ser Pedro primeiro
Desposára em Bragança a bella Ignez.

Em seguida, prestando juramento,
No evangelho pousou a regia mão,
E mandou que 'num publico instrumento
O devesse saber toda a nação:

Que o D. Prior dos Cruzios, o fizesse
Na igreja do Mosteiro publicar,
Nos estudos e Sé tambem se lesse,
Para a toda a nação poder constar.

V

A lenda ainda diz, que se alguem duvidasse
Da sua palavra de rei portuguez,
Com seu azorrague e com elle contasse,
Que a mais duvidar não tornava talvez.

SOROR ROSIMUNDA

No *Portugal* de Ferdinand Denis, paginas 10, e no *Agiologio* de Cardoso a folhas 46 do tomo 1.º, colhi eu o thema para ensaiar um genero de poesia antiga: o Soláo.

Rosimunda é, pois, uma estreia, e 'nesta qualidade, imperfeita.

Este Soláo, já impresso 'num opusculo meu, é de novo dado á estampa por acompanhar estas composições, cuja natureza tem.

Soror Rosimunda, a virtuosa Abbadessa d'Arouca, obsecrando ao céo o triumpho das armas do Conde D. Henrique, contra as do Rei mouro de Lamego, é, na verdade, assumpto digno da poesia.

E se já na infancia, Portugal vivia das crenças que tinha, que muito que hoje em dia, invalido, recorde as obras d'então e viva d'ellas?

SOLÃO

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor

EZEQUIEL DE PAULA SÁ PREGO

ROSIMUNDA

OU A ABBADESSA D'AROUCA

I

Quem bate, quem bate ás portas
D'esta casa do Senhor?
— É o Conde D. Henrique,
Vinde-as abrir por favor;
É de todalas Hespanhas
O mais nobre campeador.

Assim respondia
Um gentil donzel,
E que parecia
Filho d'Ismael:

— Nós só temos orações
P'ra lhe poder offertar;

Pobres freiras, mal podêmos
Um tal senhor gasalhar:
Pobres freiras, peccadoras,
Que lhe havemos nós de dar?

Assim respondia
Lá dentro uma voz,
E a porta se abria
Brandamente após.

II

— Abbadessa Rosimunda,
Qu'rida serva de Jesus;
Por ver vossa sanctidade
A caminho aqui me puz;
Por levar a vossa benção
'Neste estandarte da cruz.

Ámanhã rija batalha
Á mourisma se ha de dar;
Ámanhã em lide honrosa
Ha de esta cruz triumphar:
Ámanhã, mas hoje quero
A vossa benção levar.

No templo entraram,
No templo entrou
O Conde Henrique,
Prostrado, orou,
E Rosimunda
O abençoou

SOLÃO

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor

EZEQUIEL DE PAULA SÁ PREGO

ROSIMUNDA

OU A ABBADESSA D'AROUCA

I

Quem bate, quem bate ás portas
D'esta casa do Senhor?
— É o Conde D. Henrique,
Vinde-as abrir por favor;
É de todalas Hespanhas
O mais nobre campeador.

Assim respondia
Um gentil donzel,
E que parecia
Filho d'Ismael.

— Nós só temos orações
P'ra lhe poder offertar;

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

IV

D. Henrique, o nobre Conde,
Quando viu tamanha dôr,
Disse ao mouro que a abbadessa
Já lá tinha o seu amor;
Disse ao mouro que a abbadessa
Era esposa do Senhor.

Ai pobre de ti, coitado!
Que não pódes ser amado.

E a abbadessa Rosimunda,
Ao saber de nova tal,
Tambem disse ao que nos braços
Acalentou Portugal,
Tambem disse ao nobre Conde:
— Rosimunda pensa em al.

Não desanimes, coitado!
Talvez possas ser amado.

V

E á porta do seu convento,
Que rescendia a alecrim,
A freira co'as irmãs suas

Ao mouro fallava assim:
« Mouro, dizei-me a verdade,
« Qu'reis perder a liberdade?
« Por esposa qu'reis-me a mim?

— São esses os meus desejos,
São esses, amado bem;
Por esposa a vós sómente,
Por esposa a mais ninguem.

VI

Deu-lhe a mão, e para a egreja
A abbadessa o conduziu,
E depois com taes palavras,
Ao mouro se dirigiu:
«Para esposa me escolheste,
«Mas, pois que mouro nasceste,
«A sorte nos desuniu:

Faz-te, mouro, renegado,
Talvez possas ser amado...

«Abraçae os bons preceitos
«De Jesus, meu Redemptor,
«E eu serei a vossa esposa,
«Dar-vos-hei divino amor,
«E assim, junctos viveremos
«Na fé sancta do Senhor!

E o mouro, p'ra ser amado,
Teve de ser renegado.

Ao mouro fallava assim:
« Mouro, dizei-me a verdade,
« Qu'reis perder a liberdade?
« Por esposa qu'reis-me a mim?

— São esses os meus desejos,
São esses, amado bem;
Por esposa a vós sómente,
Por esposa a mais ninguem.

VI

Deu-lhe a mão, e para a egreja
A abbadessa o conduziu,
E depois com taes palavras,
Ao mouro se dirigiu:
«Para esposa me escolheste,
«Mas, pois que mouro nasceste,
«A sorte nos desuniu:

Faz-te, mouro, renegado,
Talvez possas ser amado...

«Abraçae os bons preceitos
«De Jesus, meu Redemptor,
«E eu serei a vossa esposa,
«Dar-vos-hei divino amor,
«E assim, junctos viveremos
«Na fé sancta do Senhor!

E o mouro, p'ra ser amado,
Teve de ser renegado.

Sr. Antonio Feliciano de Castilho, convidava os mancebos academicos da Universidade, esses que alimentavam em seu peito o sagrado fogo da poesia, para um *Serão poetico* a que presidíra no Theatro Academico.

Por convite de Sua Excellencia, assignado pelos Secretarios do Theatro, os Srs. Rodrigo Velloso e Jeronymo Pimentel, accorri ao chamamento, ao obsequioso convite; e lá, entre doze ou mais estudantes, recitei a poesia — *Espinhos e Louros*.

Era um caso novo desde que se fundára aquelle Theatro, porque pela lettra de seus Estatutos só 'nelle podiam declamar os que fossem academicos, os empregados maiores da Universidade, ou os actores de fama europeia, e eu estava fóra do espirito da lei; era um artista.

O modo porque alli me houve, disseram-no os periodicos d'esse tempo, sendo do *Commercio de Coimbra* estas palavras: «... se não fôra uma dama e um artista que acompanharam o nosso poeta, ...o *fiasco* seria ainda maior...»

Relevem-me o que ahi deixo dicto de mim, que não é vaidade ou immodestia, mas o desejo de animar meus collegas a iguaes trabalhos, á conquista de uma posição melhor na esteira social em que a sorte os lançou

ESPINHOS E LOUROS

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

I

Valente o moço Rei, co'a mocidade
Do nobre Portugal, correra ás armas,
E d'Alcacer-Kibir aos quentes plainos
Rapido vôa.

Investem feras mahometanas filas;
No curvo alfange tine a espada rija;
E um sceptro, c'roa e Rei alfim sepulta
Torrida areia!..

Não vimos a victoria. A louca fama
Pelo mundo correu, disseminando
A nova da jornada, com sentidas
Funebres vozes.

E as sanctas quinas, em que o mundo absorto
Mil vezes Portugal saudado havia,
Rôtas, batidas, o africano solo
Subito varrem...

Do sangue portuguez lá derramado,
Da areia ardente que o bebeu sequiosa,
Para os vencidos os grilhões fundiram
Barbaros mouros...

Converte o bac'lo em sceptro D. Henrique,
Da mitra c'roa faz, ao throno sóbe;
E da nau do governo toma o leme
Tremulo braço.

Ai, pobre Portugal armipotente!
Já foste grande e forte, e já temido,
E em cambio d'isso só terás em breve
Lagrimas tristes...

II

Expirára D. Henrique
E com elle Portugal;
A maga estrella d'Ourique,
De tantos brios fanal,
Escondia o rosto lindo...
Era um agouro fatal!

Do velho Rei que expirára
Nenhum filho nos ficou;
Que a morte, com mão avara,
Orphandade decretou
A um povo que fôra grande,
Que a dous mundos abarcou.

As cruas lèis de um mau fado...
Era forçoso cumprir;
Foi venturoso o passado,
Como sería o porvir?
Talvez noute tenebrosa
Sem nenhum astro a luzir!

E assim foi! Em sessent'annos
De captiveiro cruel,
Com mão larga esses tyrannos
Nos derám a beber fel...
E enganando nossa esp'rança,
Castella foi infiel...

Promettêra a autonomia
D'esta nação respeitar,
Os foros e a regalia
Já d'aquem, já d'além mar,
E de nos dar mão d'amiga
Bem alto o disse em Thomar.

Mas promessas de Castella
Todas foram desleaes;
Portugal falle por ella
E mostre d'isso os signaes,
Nas laudas da sua historia
Para a Hespanha tão fataes.

Mostre claro, ao mundo inteiro,
Seu arbitrario poder,
Quando, fero e justiceiro,
Cruel em seu proceder,

Esse Leão de Castella
Nos veio a morte trazer.

Aceitámos coagidos
Essa fatal união,
Para sermos opprimidos
Na mais atra escravidão...
E captivos sessent'annos,
Em poder d'essa nação!

O pêso de mil tributos
Não podémos rebater,
Que os ministros dissolutos
Decretavam sem tremer
A morte dos nossos reinos,
O fim do nosso viver.

E expirámos. Só viviamos,
Como Lazaro viveu,
Na esp'rança de que podiamos
Dar á Hespanha o que era seu,
E ouvirmos dizer — *surrexit!*
A esse povo que morreu.

III

Oh! bemdita seja a esp'rança!
Que da casa de Bragança
Feliz astro de bonança
Faz surgir em Portugal!
Converte nossos [illegible]

Em centenares de bravos,
Parte os ferros aos escravos,
Humilha o genio do mal.

Benditos sejam, mil vezes,
Esses nobres portuguezes,
Que firmissimos pavezes
Fizeram dos peitos seus,
Que a sujeição de Castella,
Que o barbarismo revela,
Oppozeram por tutela
Honra, patria, amor e Deus!

Relembre um sec'lo de gloria,
Abra-se o livro da historia,
Dê-se respeito á memoria
De quem tanto por nós fez;
E um tributo verdadeiro,
Consagraremos primeiro
A... a João Pinto Ribeiro,
Tão leal, tão portuguez!

Ó manes de Antão d'Almada!
Nunca temaes que olvidada
Seja a acção tão afamada
Que nos veio redemir!
Coutinhos, Mellos temidos,
E vós, Almeidas subidos,
Jámais sereis esquecidos,
Eternos heis de existir.

Que a memoria d'esses feitos,

Guardâmos em nossos peitos,
Como sagrados direitos
Que tendes ao nosso amor;
Como o nauta ama a bonança,
Como o pobre adora a esp'rança,
Como idolátra a lembrança
De quem foi seu redemptor.

IV

Triumphámos — foi nossa a victoria
Que as algemas nos veio quebrar;
Triumphámos — foi nossa a victoria
Que da Hespanha nos veio livrar.

Eram poucos, mas bravos os nossos;
Eram muitos e fortes os seus seus;
Mas que importam altivos colossos
Se a justiça têm contra, e têm Deus!?

Não ha noute que zombe do dia;
Não ha vida que zombe da morte;
Da tristeza não zomba a alegria,
Nem ha forças que zombem da sorte.

Triumphámos. Perdão, ninguem vence
Se contrarios no campo não tem;
Assim como a razão não convence
Se actuar não poder sobre alguem.

Não vencemos — sómente expulsámos
D'este solo hespanhoes deshumanos;

D'homens livres os hymnos cantámos
Sem saber se são bravos, tyrannos.

. . . .

Mas nas trevas lá tinha o futuro
Annos cinco, mais vinte, e mais tres,
P'ra o Leão de Castella, seguro,
Encontrar o valor portuguez.

Para vir ao Alemtejo, sanhudo,
Talar campos, mostrando bravura,
Para vir entre nós perder tudo,
Para achar entre nós sepultura!

. . . .

V

Que o digam rudes muralhas
Que 'inda velhas por 'hi estão;
Que o digam tantas batalhas
Se a Hespanha perdeu ou não;
Que diga o livro da historia
Qual de nós colheu mais gloria
Á sombra de seu pendão.

Que o diga a tremenda lucta
Que tantos annos durou,
¿Qual das nações mais exulta,
Qual mais gloria conquistou,
Qual d'ellas era mais forte,
Qual mostrou mais alto porte,
Qual mais coragem mostrou?!

E ha homens que dizem que os filhos d'agora,
Como esses d'outr'óra valor já não têm;
Eu não — que taes dictos são graves offensas
Ás mais puras crenças que o peito contém.

Ás crenças de um povo — por Deus só vencido!
E que hoje abatido sem forças se vê;
Mas, bem como a phenis das cinzas renasce,
De gloria se pasce, na gloria só crê;

E póde das cinzas surgir poderoso,
Crescer vigoroso, ás armas correr;
E em pugna espantosa engeitar a tutela
Que a nobre Castella lhe possa off'recer!..

....

Irmãos! folgae todos — com maga alegria
Festejae o dia que livres nos fez:
— Com magicos gozos o porvir aguarde
Quem não for cobarde, quem for Portuguez!

Que o diga a batalha ingente
Chamada do *Ameixial*,
Onde o inimigo potente
Nos fez um povo immortal,
Perdendo dez mil soldados,
Vendo de louros c'roados
Os filhos de Portugal!

. . . .

Falle por fim *Montes-Claros*
Das nossas grandes acções;
Dos nossos heroes preclaros
Mostre os distinctos brasões:
Que o diga a Hespanha abatida,
Tão nobremente vencida
Pelos nossos esquadrões.

. . . .

Fallem todos d'essa lucta,
Que tantos annos durou;
¿Qual das nações mais exulta,
Qual mais gloria conquistou,
Qual d'ellas era mais forte,
Qual mostrou mais alto porte,
Qual mais coragem mostrou?!

VI.

Co'a fronte coroada de verde oliveira,
Que foi mensageira da paz nacional,
Ao cabo da lucta de guerra tamanha,
As forças d'Hespanha venceu Portugal!

Beira, sabe muitos d'estes contos, que nas longas noutes de inverno ensina aos filhos e aos netos, no familiar e doce trato da lareira.

Este do *ouro* e da *peste* é conhecidissimo.

Não sei se existe já algum conto, ou romance, cujo assumpto seja o mesmo; não o lembro, pelo menos.

Sei que por vezes o ouvi em creança, com tantas variantes na fórma prosaica, quantas as pessoas que o contavam.

Sendo uma de minhas primeiras composições, impressa foi já 'num opusculo meu; mas, porque devia por sua essencia estar juncta com estas, e porque incorrecta se publicára, para aqui de novo a trago, mais limada e revista na fórma, mas não livre de todo dos aleijões com que nascêra.

Fechando estes dizeres, pedirei perdão do anachronismo historico que no conto se vê. Nuno Martim da Silveira não é fructo imaginativo: existiu, e foi escrivão, da puridade d'El-Rei D. Affonso V.

Os mouros foram totalmente espulsos de Portugal em 1250, reinando D. Affonso III, e a acção do conto devia ter logar antes.

OURO E PESTE

Ainda a base d'este conto é uma popularissima tradição, uma lenda patriotica.

Onde um solitario cunhal de fortaleza, desmoronado represente o nosso Portugal bellicoso, onde exista um arruinado castello romano, arabe ou portuguez, onde vestigios houver apenas de passadas, extinctas habitações, ahi tambem assumpto para eguaes escriptos.

A raça mussulmana que dominou a peninsula desde 714 até aos primeiros seculos do independente viver do nosso reino, passava além de imaginosa, por ser senhora de grandes riquezas.

A nossos avós transmittiu ella essa faculdade inventriz, essa imaginação ardentissima: As riquezas, se as tinha, penso que não.

D'ahi vem esse excessivo numero de historias de mouras encantadas e de preciosos haveres escondidos.

Portugal, e nomeadamente a provincia da

D. Auzenda da Silveira,
Dezeseis annos só tinha;
Mas castellã mais perfeita
Nunca se fez tão asinha.

O Conde estimava-a muito,
Amava-a do coração;
Mas de que ella o merecia
Resam chronicas d'então.

Os fidalgos, 'nesses tempos,
Iam ver Jerusalem:
'Nessa cruzada tão sancta
D. Nuno lá foi tambem.

Aos cuidados d'umas aias
A linda filha deixou;
E em prol do sancto sepulchro
Á Palestina voou.

Depois, passaram seis mezes.
No Castello da Ladeira
Não ha noticias do Conde
Nuno Martim da Silveira.

Um dia em que D. Auzenda
No seu jardim passeava,
Quando colhia uma rosa,
Busina ao longe soava.

Era então no mez das flores;
Rescendia o jasmineiro;

Por entre moutas de trevo
Do nardo sahia o cheiro.

Á sombra de fresca rama,
D. Auzenda se assentou;
E olhando a flor com ternura,
Depois no peito a guardou.

O sol já ia descendo
E a virgem alli sentada,
Co'os olhos fitos na terra
Dos jardins lembrando a fada.

Detrás d'espessa folhagem,
D. Auzenda ouviu ladrar;
E 'nisto, d'alli bem agil
Um lebreo viu retouçar.

Treme a donzella assustada,
Do jardim quer já fugir,
Quando gentil cavalleiro
Á seus passos vem sahir.

Ás largas vestes que o cobrem,
O fazem d'alta semel;
Á curva espada que cinge
Mostra um filho d'Ismael.

— Perdoae, nobre condessa,
O susto que vos causei;
Á tal hora, e 'neste sitio,
Que não me esp'raveis bem sei.

Nem eu contava tão pouco,
Achar-vos senhora aqui;
E em vez do gamo ligeiro
Topar tão celeste huri.

Contou-lhe que andando á caça,
Alli viera perdido;
E que os demais caçadores
D'elle se haviam sumido.

O que mais lhe disse o mouro,
Meu neto, não sei ref'rir;
Só que a flor que ella colhêra
Acabou por lhe pedir.

Em troca deixou-lhe um cofre,
D'ouro todo e de marfim,
E lhe disse soluçando:
— Lembrae-vos sempre de mim.

— Esta joia preciosa,
Deu-a a meu pae, minha mãe;
Meu pae á hora da morte,
Confiou-m'a a mim tambem.

— Tenho d'abrir esse cofre,
Quando vinte annos contar;
Só depois da meia noute,
E antes do gallo cantar.

Depois Ibrahim, o mouro,
Da castellã se ausentou;

Por entre moutas de trevo
Do nardo sahia o cheiro.

Á sombra de fresca rama,
D. Auzenda se assentou;
E olhando a flor com ternura,
Depois no peito a guardou.

O sol já ia descendo
E a virgem alli sentada,
Co'os olhos fitos na terra
Dos jardins lembrando a fada.

Detrás d'espessa folhagem,
D. Auzenda ouviu ladrar;
E 'nisto, d'alli bem agil
Um lebreo viu retouçar.

Treme a donzella assustada,
Do jardim quer já fugir,
Quando gentil cavalleiro
A seus passos vem sahir.

As largas vestes que o cobrem,
O fazem d'alta semel;
A curva espada que cinge
Mostra um filho d'Ismael.

— Perdoae, nobre condessa,
O susto que vos causei;
A tal hora, e 'neste sitio,
Que não me esp'raveis bem sei.

Crendo que falsos amores,
Tinha um pêrro co'a christã.

Razão, até certo ponto,
Tinha quem pensava assim,
Que certas juras prendiam
Auzenda com Ibrahim.

Mas que juras essas foram,
Isso não soube ninguem;
Porque o mouro, nessas cousas
Nem sequer fallou tambem.

Andou talvez por seis mezes
Que vagarosos passaram,
E nunca do mouro ausente
Noticias a cá chegaram.

Trajando do lucto as vestes,
Sahe Auzenda ao seu jardim;
Cuidosa leva comsigo
O cofre d'ouro e marfim.

Já não sendo a vez primeira,
Em tôsca pedra se assenta;
Fita os olhos no horisonte,
Verte pranto e se lamenta.

—Justos céos! poupae-lhe a vida,
Começa a triste a dizer:
—Pae e mãe já m'os lá tendes,
Quem hora me ha de valer?

Mas pela Kaaba sagrada,
De voltar breve jurou.

II

Dobram os sinos na torre
Do Castello da Ladeira:
Fallecêra o velho Conde,
Nuno Martins da Silveira.

'Num recontro co'a mourisma,
Seus largos dias findou...
Foi um velho paladino
Quem tão má nova contou.

E ahi fica D. Auzenda,
Orphã de pae e de mãe;
Rica dos bens da fortuna,
Rica d'encantos tambem.

Muitos gentís cavalleiros
Lhe vem requestar a mão;
Mas a todos a donzella,
Responde sempre que não.

Alguns diziam que Auzenda
Do mundo não qu'ria ser;
Que pois que seu pae perdêra,
Só lhe restava morrer.

Outros deitavam peçonha
No viver da castellã;

P'ra celebrar o consorcio
Dos dous amantes fieis,
Concorrem de toda a parte
Os bardos e os menestreis.

Tudo é já prazer e festa,
Tudo é rir, tudo é folgar;
E as más linguas já não fallam,
Pois não têm de que fallar.

Ao cabo de bons tres dias
Acabou toda a funcção;
É casada D. Auzenda
Co'o mouro feito christão.

—

— Este conto é verdadeiro,
Já em pequena o ouvi;
Contava-m'o um sancto velho,
Como eu t'o conto a ti.

— Pois d'elle não gosto nada,
Que tão mal acaba assim;
Os contos que a avó me conta,
Costumam ter outro fim.

— É verdade, mas a historia
Ainda aqui não acabou;
Socega tu, meu netinho,
E ouve mais o que passou:

Muitos dias decorreram
Depois que Auzenda casou;
E tempo tão venturoso
Nenhum desgosto manchou.

No Castello da Ladeira,
Nova festa se vae dar,
Porque apenas quatro lustros,
Vae o mouro completar.

Ia a noute adiantada,
Quando a funcção se acabou;
Quando Auzenda e o renegado
Para os seus quartos entrou.

Perto da bella assentado,
Ibrahim fallava assim:
—Dous annos se fazem hoje,
Que eu te vi no teu jardim;

—Preso por esses teus olhos,
Foi p'ra sempre que fiquei;
Captivo por teus encantos,
Da minha fé reneguei.

—Dous annos tinha de vida,
Quando perdi minha mãe;
Quando tres lustros contava,
A meu pae perdi tambem.

—Uma rosa que me déste,
Foi a minha perdição;

Ouve, ó qu'rida da minh'alma,
Ouve a minha confissão.

—Ás portas do paraiso,
Meu pae me fallou assim:
—«Guarda, meu filho, este cofre,
«Lembra-te sempre de mim.

«Quando fizeres vinte annos,
«Has de o segredo quebrar;
«Só depois da meia noute,
«E antes do gallo cantar.

—«Se fiel ás tuas crenças,
«Longa vida has de viver;
«Se amares christã donzella,
«Has de mui breve morrer...

—A meu pae perdi p'ra sempre,
Para sempre me perdi;
Da sua final vontade,
Tredo filho me esqueci.

—O relogio, amada Auzenda,
Duas horas fez soar:
Vamos abrir esse cofre,
Antes do gallo cantar.

Em seguida abriu o cofre,
O cofre que o pae lhe deu;
E achou dentro um pergaminho
Que po[illegible] leu;

«Sobe filho, á Torre Negra
«Do teu Castello d'Ourem;
«Vae mui prestes sem detença,
«Quem t'o pede é tua mãe.

«Enxergarás na parede
«Alfange d'ouro pintado;
«Has de tocar-lhe no punho,
«Pós do gallo ter cantado.

«Ha de se abrir uma porta,
«Por onde deves entrar;
«Riquezas, riquezas grandes,
«Has de, filho, dentro achar.

— Eu vou, pois, Auzenda minha,
Por mando de minha mãe,
Ver o thesouro escondido,
No meu Castello d'Ourem.

— Ibrahim, ó meu amado,
Eu comtigo quero ir;
Quero ver tuas riquezas,
Quero-as comtigo fruir.

E eil-os vão por ahi fóra,
Para o Castello d'Ourem,
Cavalgando cada um d'elles
Um formoso palafrem.

Chegaram breve ao Castello,
A Torre Negra subiram;

E pelo alfange pintado
Logo a porta descobriram.

Enxergaram para a esquerda
Dous caixões de pedra escura;
'Num d'elles, em letra moura,
Dizia assim a escriptura:

Um, muita riqueza encerra;
Tem outro peste encerrada:
Se abres um, dominas a terra,
Porém se outro... serás nada!

— Fujamos d'estes logares,
Diz D. Auzenda a tremer;
Deixa, deixa essas riquezas,
Anda comigo viver.

— Isso não, Auzenda amada,
Minha sina hei de cumprir;
Parte e deixa o renegado,
Que um dos caixões vae abrir.

— Ninguem mais já tem no mundo,
Quem seu pae e mãe perdeu:
O vida d'esta de minh'alma,
Deixar-te não deixo eu.

— Foi por mim que renegaste,
Que trahiste a tua lei...
Se ahi findarem teus dias,
Eu comtigo morrerei.

E um dos caixões foi aberto,
Pelas mãos do renegado,
Que prestes cahiu sem vida,
Co' a sua Auzenda abraçado. .

Pós do mouro, ainda se conta,
Sem vida no chão cahir,
No cimo da Torre Negra
Esta voz se fez ouvir:

Tua morte prematura,
É castigo do Senhor:
—Quer a Deus, quer á familia
Ninguem deve ser traidor.

É bem bonito, avósinha,
Agora digo que sim;
Os contos que avó me conta
Costumam ter este fim.

D. ALVARO VAZ D'ALMADA

Em todos os livros de Historia Portugueza que descrevam o combate d'Alfarroubeira, póde o curioso leitor encontrar o sujeito d'esta composição.

A amizade, sentimento sublime, elo naturalissimo, affeição pura que póde unir dous seres, sem a mácula do baixo interesse das conveniencias; astro sem nuvens, ouro sem fezes, brilhante sem jaça, topa-se alli, no proceder de Alvaro Vaz d'Almada para com o Duque de Coimbra, D. Pedro.

A innocencia repudiada, a honra descrida, o saber desprezado, e os laços do sangue partidos, tambem resaltam execraveis d'essa ominosa contenda, na victima de miseraveis insidias, no homem que só queria em paga de sua boa regencia, uma estatua de affeições nas porvindouras épochas, no chorado Duque de Coimbra.

A ingratidão, a estulticia, a irreverencia, os

verdes annos e a cracissima obcecação de um Rei maldoso, ainda avultam no painel d'esse combate, na pessoa de D. Affonso v.

Em tudo isso ha sobeja inspiração a pintores e a poetas.

Sem embargo do Sr. J. Pizarro de Moraes Sarmento, no seu *Romanceiro*, julgar tão boa causa nos tribunaes das musas, eu, ignorado cantor, como a ave silvestre que na deveza repete os trilos das semelhantes, solto a voz e exalço a amizade, lamento a innocencia e vitupero a tyrannia.

Homens que vos dizeis amigos d'outros, farieis vós por elles o sacrificio da vida?

Meditae a resposta, e lede a canção;

D. ALVARO VAZ D'ALMADA

OU

A BATALHA D'ALFARROUBEIRA

1449

I

D. Pedro, Duque de Coimbra,
Governava, por seu mal!
Com saber e experiencia
O Reino de Portugal,
Porque apenas uns seis annos
Tinha o principe real.

Não havia nas Hespanhas
Um homem de mais saber
Do que era o Duque; prudente,
Sem grandes ambições ter,
Caracter probo, integerrimo,
Virtuoso a mais não ser.

Tinha, porém, inimigos,
Como toda a gente os tem:
Um, no Duque de Bragança,

No filho, Conde d'Ourem,
No Arcebispo de Lisboa,
E em muitos nobres tambem.

Inventavam mil calumnias
Para o deitar a perder;
Affirmando que D. Pedro
Para subir ao poder,
A D. Duarte e á Rainha
Déra veneno a beber!

D'este sudario de intrigas
Não quero o véo levantar;
É patente nossa historia
Ao que a quizer consultar;
Por isso ao meu fim caminho
Sem outro preliminar.

Se o nobre Duque de Coimbra
Tinha inimigos mortaes,
Tambem tinha cavalleiros
Que lhe seriam leaes,
Defendendo seus direitos
Contra mil, dez mil, ou mais.

Chegára, vindo de Ceuta,
Ás praias de Portugal,
Um homem que n'esses tempos
Não tinha na Europa egual;
E que na honra e no esforço
Nunca manchára o brial.

Era um d'esses cavalleiros
Que D. João primeiro, armou;
Que na França e na Inglaterra
Com distincção militou,
E que mesmo n'Allemanha
Grandes serviços prestou.

D. Alvaro Vaz d'Almada,
Que bonito nome o seu!
Conde d'Avranches, na França,
Que esse condado lhe deu,
Por notaveis feitos d'armas
Quando 'nella combateu.

Em hora boa D. Alvaro
Á capital aportou:
Hora boa não foi ella...
Que o triste fim lhe marcou
Quando o povo de Lisboa
Por Alferes o acclamou.

Como o passado, o futuro
Bem mal se póde entender!
— Quem diria ao nobre Conde
Que o termo do seu viver
Sellava a sua amizade?
Só Deus sabe o que ha de ser!

II

Já reinava Affonso quinto,
O que *Africano* seria,

E o sabio Duque de Coimbra
Em seu ducado vivia.

Seus inimigos, no entanto,
Lá o faziam lembrar,
E teciam mil intrigas
Para a morte o arrastar.

Certo, o Duque de Bragança,
Do patrocinio d'El-Rei,
E, por tanto, que podia
Torcer o rigor á lei;

Lembrou vir com mão armada
E por Coimbra passar,
Sem pedir licença ao Duque,
Sem nem sequer o avisar.

Era offensa manifesta
Que não podia esconder;
Mas a que o Duque de Coimbra
Podia bem responder.

E, como tal lhe cumpria,
Em se lhe oppôr resolveu:
Comtudo, préviamente,
Uma carta lhe escreveu,

Na qual, pouco mais ou menos,
D. Pedro dizia assim:
«Duque, desista da empreza
«Que deshonra a si e a mim.

«Porque importa ao meu bom nome
«Muita quebra em seu valor,
«E os brios d'um cavalleiro
«Não a soffrem sem se oppôr.

Baldado foi este meio
De que o Duque mão lançou,
Porque a gente de Bragança
Sobre Coimbra marchou.

D. Pedro com seus soldados
Ao encontro lhe sahiu;
Mas o Duque de Bragança
Desanimou... e fugiu!

Era maior do que a offensa
A vergonha que soffreu!
Por isso o Duque medroso
Vinganças mil prometteu.

E contra o Duque D. Pedro
Tantas mentiras creou,
Que El-Rei D. Affonso quinto
Rebelde o pronunciou.

III

Já vinham sobre Coimbra,
Para D. Pedro cercar,
As forças de D. Affonso;
E para a morte lhe dar

Tinham ordens terminantes
Se o podessem captivar.

Em tão tristes circumstancias
Que tinha o Duque a fazer?
D. Alvaro Vaz d'Almada
É que o podia dizer,
E mostrar se cavalleiros
Rebeldes costumam ser.

Deu conselho, pois, ao Duque
—De brioso presistir,
E ao encontro do exército
Do sobrinho, prestes ir;
Não como rebelde armado,
Mas p'ra justiça pedir.

—E que se El-Rei não quizesse
Suas razões aceitar,
Ao menos seus inimigos
Deixasse desafiar,
Para por armas no campo
Essa pendencia acabar.

—E se quando a tal pedido
Não quizesse ainda attender,
Que tregoas a razões désse
Sem mais pedidos fazer,
E que em lucta em campo aberto
Combatesse até morrer.

—Que os brios de um cavalleiro

Se um dia manchados são,
Só lavam em sangue a nodoa,
Embora seja d'irmão!
Devendo sahir da lucta
Vencedor, vencido— não!

Assim o Duque de Coimbra
A sua gente aprestou:
E a um dos filhos, D. Jaime,
A mais d'ella confiou;
E que se fosse marchando
Na vanguarda, lhe ordenou.

Com seis mil homens selectos
D. Pedro, o filho seguiu:
A seu lado vae D. Alvaro,
Que a amizade não trahiu,
E que ao Duque, em juramento,
Até á morte se uniu....

Dadas ao vento as bandeiras,
E ao sol armas a luzir;
Entregues os rostos lédos
A esperançoso sorrir,
Taes as hostes de D. Pedro
De Coimbra vão sahir.

Pede —*justiça* — *vingança*
O mote que o Duque tem
Escripto 'nessas bandeiras;
E — *Liberdade* — tambem

Vão mostrando do outro lado,
Por essas terras além.

Chegado juncto d'Alverca,
D. Pedro, o plano mudou;
E, em vez de ir sobre Lisboa,
Como até 'li tencionou,
Na margem do Alfarroubeira
Seu arraial assentou.

Ás margens do Alfarroubeira,
Apenas simples ribeira,
Grata sombra ás aguas dão;
Ás aguas que entre salgueiros
E por entre os amieiros
Murmurando ao Tejo vão.

Escondidos na folhagem
De uma densa e verde margem
São os bésteiros d'El-Rei;
E na outra, pouco distante,
Tem seu arraial o Infante
Com sua pequena grei.

Lá d'um erguido cabeço
Á pugna já dão comêço
'Spingardeiros a atirar,
Já os inquietos bésteiros
Manobram tiros certeiros
Que nos contrarios vão dar.

As settas já [illegible]

Já lhe respondem bombardas
Do contrario arraial,
E uma bala caprichosa
Zunindo vae pressurosa
Bater na tenda real.

Qual destruidora faisca
Que não necessita de isca
Se na polvora vae dar,
E que um volcão accendendo,
Com um abalo tremendo
Tudo em cinzas faz voar,

Tal da bala foi o effeito!
Pois que sem ordem, sem geito,
Os soldados fez partir,
E, como tigres raivados,
Os fez ir por muitos lados
Sobre os do Infante cahir.

Travou-se 'num instante a briga,
Que aos dous partidos obriga
A valentia mostrar;
A derribarem trincheiras,
A defenderem bandeiras,
Ou mortos no chão ficar.

Já vae brava a gritaria!
Já troa a fuzilaria,
Por um modo aterrador!
Já se confundem partidos,

Já se escutam mil gemidos
Nos que se curvam á dor...

O nobre duque D. Pedro,
Tambem logo como o cedro
Que um raio dos céos lascou:
Porque era um bravo soldado,
E por isso mal armado
Pelos contrarios entrou.

D. Alvaro Vaz d'Almada,
Quando a nova lhe foi dada,
Luctava como um leão!
De cada bote que dava
Dous ou tres aos pés lançava,
De mortos cobrindo o chão!

Mas, que fazer entretanto?
Sereno susteve o pranto
E á tenda se encaminhou:
Comeu, para haver alento,
Armou-se bem 'num momento,
E á briga lesto voltou.

Vencida a batalha estava,
E já ninguem se lembrava
Senão dos hymnos cantar:
E em tão triste conjunctura,
Faltava uma sepultura
Para um bravo se enterrar!

Faltava, porque essa gente

Não sabia que um valente
De mortos jazigo faz,
Antes que ao sôpro da vida
Faça o corpo despedida
Para a morada da paz!

Qual valoroso 'spartano,
O valente lusitano
Vae a pé pelo arraial;
Co'as armas todas armado,
Com semblante carregado
Parece o genio do mal:

Parece uma estatua enorme
D'essa gente que ali dorme
Fundida 'num homem só,
Que, para vingar amigos,
Prostrará tantos imigos
Quantos descançam no pó!

Recomeçou o combate
P'ra decidir o empate
De muitos mil contra um!
Renasciam mil gemidos,
Que dos golpes despedidos
Não se perdia nenhum!

Co'a mais provada coragem
Almada abria passagem
Como o raio a póde abrir!
Não soltava uma palavra,

E, como o incendio que lavra,
Avante sempre a investir.

'Num pedestal de vencidos,
Já com os braços pendidos,
Estatua da destruição;
Co'as armas tintas de sangue,
Almada, cançado, exangue,
Vacillou, cahiu no chão!...

E conversando comsigo,
Aquelle exemplar amigo,
Taes vozes poude soltar:
« *Já não posso erguer os braços...*
« *Alma, desfaz os teus laços...*
« *Fartar, rapazes, fartar!* »

FIM DO CANCIONEIRO

ADVERTENCIA

Os trabalhos historicos que se vão ler, já vieram á estampa; não têm, conseguintemente, o interesse da novidade.

O que primeiro segue, publicou-se haverá cinco annos, 'num opusculo de 29 paginas, hoje algum tanto raro. Por isto, e porque bom logar me parece ter em um livro de historia portugueza, a lume sahe de novo, correcto no todo, e additado em partes.

O segundo foi impresso 'num folhetim do *Conimbricense*, e depois incorporado a uma pequena collecção de escriptos, que sob o titulo *Novas Lucubrações de um Artista*, publiquei em 1863.

Tractando um de *Conimbrica*, cidade importante da Lusitania, e concernindo outro a uma cruz de pedra que no sitio de Luso, proximo ao tão visitado Bussaco, o Ex.^{mo} Conde da Graciosa mandára erguer, util se me afigura a sua publicação aqui.

Para os amadores de antiguidades, um mimo será por certo; para os que o não forem, leitura curiosa, em que, se nada aprenderem, avivarão o que souberem.

BREVE MEMORIA HISTORICA

Acêrca

DA VELHA COIMBRA ARRAZADA POR ATACES E REMISMUNDO,
E DA FUNDAÇÃO OU REEDIFICAÇÃO DA ACTUAL COIMBRA;
E EM QUE SE COMBATEM ALGUNS FACTOS
CONCERNENTES Á MESMA CIDADE.

I

A primitiva historia da Peninsula, como a de todas as nações mais ou menos civilisadas da Europa, mostra-se-nos envolvida sempre no maravilhoso, no mysterio, nas trevas perpetuas d'um passado de seculos, que não é dado perscrutar, ainda ao menos severo indagador da verdade.

É que o pesado véo que nol-a encobre, amortalha em si muitas gerações famosas, que nos poderam ter legado em seus escriptos o que nós debalde agora procurâmos, se o espirito d'esses mysteriosos tempos fosse a verdade; se o Martyr do Calvario mais cedo nos houvera trazido com sua morte a verdadeira civilisação!

É que o manto do passado esconde em suas dobras o impossivel.

¿Qual espirito indagador ousará seguro ultrapassar os limites do passado que conhecemos, com o passado desconhecido? Certamente nenhum.

Além dos sabios escriptos, que nos legou Moisés no Pentateuco, além dos maviosos cantos de David, e das sentidas queixas do paciente Job; além dos gentilicos livros, que sob o nome de *Vedas* nos transmittiram os Indios, e dos sagrados *Kings* dos chinezes, aonde as admiraveis maximas de Confucio abrilhantam o livro de *Tao-tsee*, ou da razão primitiva; além dos indecifraveis *Quipus*, dos Americanos, que na singeleza de seus nós occultam a historia dos Incas; além d'alguns velhos *papyrus*, que houvemos da antiguidade, e d'esses livros de pedra dos Phenicios e Egypcios, aonde cada hieroglypho é representante de uma pagina admiravel d'esses grandes povos; além de tudo isto não vae o espirito humano: lá, tem o impossivel!

Se a famosa *metempsycose*, que da India passou para o Egypto, e d'elle para a Grecia, e modernamente da Grecia para a Allemanha; se essa portentosa theoria, encarnando nosso espirito 'num invólucro mais ou menos intelligente, mais ou menos perfeito, nos fizesse reviver com memoria, com lembranças do passado, certo que podéramos nós saber a historia dos mais obscuros tempos da infancia do mundo. Mas, na *metempsycose* só vemos uma gigante concepção do espirito humano; e, na parte divina, que nos anima, não ha, infelizmente, lembranças hereditarias.

Assim, tentaremos ver se demonstrâmos e desenvolvemos a nossa these, soccorrendo-nos dos escriptores de boa nota, e em particular do Sr. Alexandre Herculano. Guiados por elle, traçare-

mos em breve quadro as successivas dominações da Peninsula, desde os mais retirados tempos, isto é, desde a dominação dos valentes Carthaginezes até á expulsão dos Sarracenos.

II

Alguns escriptores portuguezes houve, que, para escreverem a historia patria, levaram suas indagações até Noé e Tubal. A historia, porém, não se póde encontrar 'nesses tempos despida d'hyperboles, d'inverosimilhanças e até de falsidades. É por isto que os nossos primeiros traços começarão 300 annos antes de Christo.

A Peninsula foi primeiro habitada pelos Iberos, depois pelos Celticos. Da fusão, ou mistura d'estas raças Asiaticas, vieram as tribus Celtiberas.

Descendentes dos Celtiberos, os Lusitanos, occuparam o territorio que pelo norte e ponente limita o mar, e pelo sul o rio Tejo. Os seus limites orientaes não se podem marcar com precisão, crendo-se, comtudo, que as raias que hoje separam Portugal da Hespanha não são as mesmas que serviram de terminos á Lusitania.

Occupada assim por 30 tribus, que tantas eram ellas, a Lusitania (1), em seu poder esteve até

(1) «A denominação geral, talvez proveio do nome dos Luzones (que Strabão colloca juncto das fontes do Tejo, e que talvez eram d'origem phenicia) completado pela terminação punica *tan*, vulgar na peninsula.» Sr. A. Herculano.

300 annos antes de Christo, em que o dominio da Republica Carthagineza (phenicios), de facto se estabeleceu na Peninsula.

Durou este Imperio, ou Republica dos Carthaginezes, 84 annos, até que Gneu-Scipião, capitaneando as forças de uma poderosa armada Romana, veiu começar, em 220 antes de Christo, a guerra com os Carthaginezes, que completamente expulsou da Hespanha em 216, depois de 4 annos de sangrentas e porfiosas luctas.

Os Romanos, depois de uma guerra de 200 annos, dominavam a Peninsula!

Viriato, meio seculo depois, ahi por 30 da nossa era, vencia e desbaratava os exércitos Romanos de Manlio e Pisão. Havia deixado as inhospitas fragas dos Herminios para vir combater Roma á frente dos indomaveis Lusitanos.

Roma tremeu! porque «... o genio militar do selvagem montanhez Viriato, tornou por alguns annos duvidosa a victoria de Roma nos territorios do occidente.»

Rijos combates se deram
Entre Lusos e Romanos!
Roma tremeu assustada...
Roma soffreu grandes damnos!
E, Viriato, na historia,
Eternizou a memoria
Dos valentes Lusitanos!

Sertorio, o famoso proscripto Romano, quiz tambem oppôr-se ao absoluto dominio dos que

mais tarde foram senhores do mundo; e assim, a Lusitania, a Celtiberia, e parte da Betica, chegaram a ser dos bravos Lusitanos que capitaneava.

Quatro seculos haviam passado depois do nascimento de Christo, e o Imperio dos Cesares entrava já no seu ultimo quartel de vida, corrompido pela devassidão.

Soára-lhe a ultima hora! Os Vandalos, Alanos e Suevos, apossavam-se da Peninsula. Por decisão da sorte, os Vandalos e Suevos occuparam a Galliza, e os Alanos assentaram na Lusitania.

Esta onda de barbaros, antes de escolher ponto para quedar, divagou terrivel pela Peninsula, levando ante si o terror, o espanto e a ruina de muitos homens, que partilhariam a sorte desgraçada dos que ficavam sem vida, após essas hordas selvagens.

Curto dominio foi o d'estas gentes na Peninsula.

Os Wisigodos, capitaneados por Attahulfo, dobravam os pyrinéus. Accendeu-se a guerra entre estes e os primeiros; e, passados annos, sendo Walia capitão dos Wisigodos, 'numa batalha dada juncto a Merida, foram os Alanos desbaratados, e morto seu Rei Ataces. Estes «*viendo-se sin cabeza, se entregaron á Gunderico Rey de los Vandalos en Galicia, confundiendose cõ ellos su çeptro, y su nombre* (2)».

Dominavam a Peninsula os Wisigodos, quando

(2) Saavredra, *Coron. Goth.* pag. 41.

em 714, com a invasão dos Mussulmanos, commandados por Tarik, acabou em Rodrigo a monarchia wisigotica. Estes povos dominaram a Peninsula, sem embargo de Pelagio ter sido acclamado Rei por um pequeno troço de Godos (3) nas Asturias, e, conseguintemente, dominarem só em parte.

O dominio dos Mouros foi um tecido de dissenções civis, para o que muito contribuiu Pelagio, o heroico fundador da primeira monarchia christã, mais tarde conhecida por Oviedo e Leão.

Esta pequena arvore religiosa foi-se arraigando pelo territorio mourisco, que diminuia, até que, em Janeiro de 1064, D. Fernando I, de Castella, abria com as lanças de suas hostes franca passagem pelas terras do occidente, acabando por libertar do poder dos Mouros a mais formosa perola da Lusitania, a pitoresca Coimbra (4).

III

Um monte de ruinas é só o que actualmente

(3) «A denominação de Godos dada aos descendentes dos Wisigodos, que depois da conquista da Hespanha pelos Arabes se recolheram ás Asturias, não é rigorosamente exacta, mas é geralmente recebida pelos historiadores da peninsula, como a de Sarracenos e Mouros para designar os Mussulmanos.» Sr. A. Herculano.

(4) Os mouros só deixaram o sul de Portugal no reinado de D. Affonso III.

existe de uma das mais fortes cidades da Lusitania (5).

Conimbrica (6), ou *Colimbriga*, foi fundada pelos povos *Colimbrios*, que vieram á Peninsula com os Turdulos, Gallo-Celtas e Andaluzes, 308 annos antes de Christo (7).

Conimbrica, composta de *Colimbrios*, e da palavra celtica *briga* (logar), queria dizer em mais lato sentido — logar ou cidade dos Colimbrios.

Da grande variedade de origens, que diversos escriptores dão a Coimbra, tomâmos esta, por nos parecer mais coadunavel com a boa razão, e com os principios observados em palavras em que tambem entra a terminação celtica *briga*, sendo por isso sua origem a mesma (8).

D'aqui se levanta já uma duvida, que tentaremos desfazer.

Muitos escriptores, referindo-se a Conimbrica, empregaram as designações de *Colimbria*, *Conimbria*, *Colimbrica*, *Colimbriga*, e finalmente *Conimbrica*.

(5) Era esta Colimbria uma das mais fortes e inexpugnaveis cidades e praças d'armas da Lusitania.

B. de Brito Botelho.

«Cidade em tempo de Romanos nobilissima, e mui conhecida de sumptuosas obras.» A. C. Gasco.

(6) *Conimbrica*, segundo uns, procede de *Colimbrios*, segundo outros de *Collis-imbrium* (outeiro de chuvas), ou mesmo de *conus* (pinha), e ainda de *coluber* (serpente) e da terminação celtica *briga*.

(7) P. A. Carvalho, *Chorographia*.

(8) *Cetobriga* (Setubal), *Lacobriga* (Lagos), *Merobriga* (Sant'Iago de Cacem), etc.

D'onde provirá esta divergencia? Será por que na Lusitania existiram duas Coimbras, como quer alguem? ou por que os que a tal respeito têm escripto foram pouco escrupulosos, e, para designarem *Conimbrica*, empregaram nomes adulterados? É o que nos parece mais verosimil.

Em favor da nossa opinião, quer dizer, do assento que damos a *Conimbrica* (9), vem o Cardeal Fr. Francisco de S. Luiz, 'num artigo publicado na *Revista Estrangeira*, no qual, para demonstrar que a actual Coimbra foi chamada *Eminio*, e o Mondego tambem *Eminio*, quer (seguindo e confrontando os Itinerarios de Plinio e de Antonino) que *Conimbrica* fosse *Condeixa*.

Além do parecer dos dous geographos, cita o 3.º concilio de Toledo, em que se lê o nome de *Possidonio*, bispo da egreja Eminiense: *Possidónius Eminiensis ecclesiae episcopus*: e diz, referindo-se á destruição de Conimbrica pelos Suevos, e á sua mudança para o Eminio: «... o qual além da sua situação tão bella e amena como forte, propria para a defeza, é de crer que recebesse e acolhesse muitos dos habitantes dispersos de Coimbra, quando elles intentando restituir-se á sua patria foram achar 'nella estragos, ruinas e desolação» (10).

Effectivamente, nas copias dos Itin. citados, diz-se Conimbrica, e Conimbrica se lê no que diz

(9) Condeixa, a Velha.
(10) Cardeal S. Luiz, cit. art.

Idacio: *Conimbrica in pace decepta*, etc. (11) e d'aqui deduz S. Luiz que *Conimbrica* era Condeixa, a Velha, e *Eminio* a actual Coimbra.

Esta decisão, porém, julgâmos que não se póde admittir no todo, mas sim em parte; porque parece evidente que o cardeal S. Luiz baseou o seu artigo 'num engano, ou troca de distancias (12), que se vê no Itin. de Antonino.

O Itinerario diz assim:

Itin. de Antonino ab Olissipone Bracaram Augusta	CCXLIV
Jerabrica	XXX
Scalabim	XXXII
Sellium	XXXII
Conimbrica	XXXIV
Eminium	X
Talabrica	XL
Langobrica	XVIII
Calem	XIII
Bracara	XXXV

Dissemos troca de distancias, e assim é: ahi vae agora o Itin. reformado, unicamente na mudança das distancias, pelo mestre Rezende, Vasconcellos e outros:

(11) Conimbrica in pace decepta diripitur: domus destruuntur; cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis atque dispersis, et regio desolatur et civitas.»

(12) Erat autem in codice Antonini numerus transpositus, et praepostere mutatus

Rezende, *De Ant. Lusit* T. 1. p. 359.

....

Conimbrica XXXIV
Aeminium XL
Talabricam X

Confrontando nós esta alteração com o que mais adiante diremos a respeito do Eminio, apparece-nos um resultado, que vae de encontro á opinião de S. Luiz, auxiliando a nossa; porque o *Eminio* existiu realmente, mas não em Coimbra.

Agueda foi chamada dos antigos, *Eminium*; quer dizer, das ruinas do *Eminium* dos Romanos, foi que nasceu Agueda (13) ¿Como é, pois, que a Coimbra d'hoje foi o *Eminium* dos Romanos?

Chega tambem o momento de apresentarmos um facto que, se fôra verdadeiro, atacaria o nosso parecer.

No 8.º Concilio Toletano, celebrado em 652 ou 53, appareceram dous bispos da Lusitania.

Um d'esses bispos assignou-se *Celidonius Co-*

(13) «Fuit autem Aeminium eo loci ubi hodie est oppidum dictum vulgo Agatha, seu Agueda.»
Rezende, *De Ant. Lusit.* T. 1.º, p. 358.

«... Que Agueda existisse já no tempo em que procede a nossa historia, formada das ruinas da antiga Eminio, nada menos parece certo.» Rocha, *Portugal Renascido.*

«... Eminio está perto d'Aveiro no logar d'onde agora chamam Agueda.»
Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal.*

« ..Eminium. Agora Agueda.»
D. Rodrigo da Cunha, *Catal. dos Bispos do Porto*, p. 42.

limbriẽsis episcopus; e *Sisebert Conimbricensis episcopus* (14).

Esta passagem, apresentada por Mariz e outros (15), parece-nos falsa, mal interpretada pelo douto Rezende (16), ou mal copiada d'este escriptor, por esses que a mencionam (17).

(14) Mariz — *Dialogos de Varia Historia*, p. 6.

(15) D. Nicolau de Sancta Maria — *Chronica de Sancta Cruz*.

A. M. Barreto Côrte Real — *Bellezas de Coimbra, etc.*

(16) Rezende suppõe que Celidonio foi bispo de *Colimbriga*, além Mondego, para collocar em *Conimbrica* (a actual Coimbra) o bispo Sizeberto; diz Barreto Côrte-Real, nas *Bellezas de Coimbra*.

(17) Mariz, Côrte-Real e D. Nicolau de Sancta Maria dizem que Rezende falla d'esta mesma passagem, conjecturando ser *Celidonio*, bispo de *Colimbriga*; d'aquella cidade destruida pelos Alanos e Suevos. O livro de André de Rezende — *De Antiquitatibus Lusitaniae*, a que provavelmente se referem estes escriptores, não falla de tal passagem: duas vezes o lemos, e só encontrámos um logar, que parece alludir á questão, no qual Rezende promette dizer cousas novas, e não sabidas, a respeito de Coimbra (*). Isto, porém, lê-se a paginas 256 do segundo volume; e d'alli até ao fim não encontrámos tal conjectura: de modo que, se bem entendemos as antiguidades da Lusitania, cremos falsa essa interpretação que attribuem a Rezende, Mariz (reportando-se a João Vaseu), Côrte-Real, e os mais que a trazem em seus escriptos; ou, se não falsa, e se realmente se lê 'nalguma outra obra do mesmo auctor, o que nos parece que 'neste caso póde salvar Rezende, é haver elle lido realmente *Colimbriẽse* em alguma copia do 8.º Concilio de Toledo, em que algum copista menos exacto escrevesse *Colimbriẽse* em logar de *Calabriẽse*.

(*) De qua urbe, de que ejus vetustate, et nomine aliquando non vulgara neque obvia nos dicturos pollicemur, si vita suppeditaverit.

A passagem como a lemos em 4 copias do citado concilio Toletano, diz: *Caliabriẽsis*, ou *Calabriẽsis;* e não *Colimbriẽsis*, ou *Colimbricensis*, como se lê em Côrte-Real.

Ha 'nisto, portanto, uma grandissima differença, que nos dá uma ideia toda diversa.

De *Colimbriẽse* facilmente se poderia fazer *Colimbricense*: porém de *Caliubriense*, ou *Calabriense*, o que naturalmente se póde fazer, i. é, o que podemos entender, é que Celidonio foi bispo da *Calabria*, ou de *Caliabria*.

Caliabria ou *Calabria*, foi, segundo uns, uma cidade dos Romanos, que existiu distante seis legoas de Merida, de que fôra suffraganea: é hoje a villa de Montanches; e, segundo outros, entre Almendra, Moncôrvo, Foz-côa e Barca d'Alva. Crê-se que fôra arrazada pelos Suevos ou pelos Alanos. Ainda alli existem sobre um monte os restos de uma gigante muralha (18), que naturalmente circumdou Caliabria. Suppõe-se tambem, que os bispos da Lusitania que assistiram aos Concilios de Toledo 4.º, 6.º, 7.º e 8.º eram d'esta cidade. Um d'elles, que assistiu aos tres primeiros assignou-se *Servusdei*, bispo *Calabriense*, ou *Caliabriẽse;* e o outro *Celidonius Calubriẽsis ecclesiae episcopus* (19).

(18) «... nas ruinas que ainda se vêm de muralhas, se deixam ver uns claros indicios de sua grandeza, comtudo, não é conjectura firme de que tivesse cadeira Episcopal, e fosse a Caliabria sujeita á Metropoli de Merida.»
Leitão Ferreira, *Catal. dos Bispos de Coimbra*, pag. 18, nas Mem. da Acad. Real de Hist. Port. de 1724.

(19) Vid. *O Castello de Caliabria*, por Francisco Antonio Veiga.

Parece-nos, pois, que sem muita difficuldade se poderão tirar d'estes principios as conclusões: houve na Lusitania uma cidade chamada *Conimbrica*, no logar aonde hoje é Condeixa, a Velha. Houve tambem uma cidade dos Romanos chamada *Eminium*, sobre cujos restos se fundou Agueda.

IV

Em 409, depois de haver nascido J. C., os barbaros do norte invadiram a Lusitania; e em 420 começou na Peninsula o dominio dos Suevos. Estes barbaros, no largo espaço de 165 annos em que dominaram a Lusitania, marcaram bem fundo com a ponta de suas espadas no livro da destruição, as suas altas façanhas de conquistadores.

Conimbrica, a nobre filha dos povos *Colimbrios*, a que viu em seus muros tantas nações adversas em costumes, leis, crenças e linguagem, a que viu raiar para o mundo a civilisação no magnifico e divino astro nascido em Bethlem; a que tantas vezes encontrou seu forte escudo de muralhas com as armas dos conquistadores; essa donairosa princeza da Lusitania, succumbiu aos golpes obstinados e á traição (20) dos numerosos

(20) «Suevi Conimbricam dolose ingressi familiam nobilem cantabri spoliant, et captivam abducunt matrem cum filiis.» Idac. *Chronicon*.

Suevos (21) em 464 (22), como já tinha aberto suas portas aos Alanos, commandados pelo famoso Ataces.

Ataces, rei dos Alanos, havia destruido toda a *Conimbrica*, mas os dispersos habitantes tinham necessidade de habitação; e-foi para lh'a dar que, passando o Mondego, Ataces veiu erguer na margem direita do Mondego uma nova *Conimbrica*, para 'nella receber os espalhados habitantes da destruida cidade.

'Nesta edificação de Coimbra (23), trabalhåram até mesmo os proprios ministros do altar! Tal era o feroz despotismo do celebre Ataces.

«Passando pela nova Coimbra, diz o Bispo do Porto, Arisberto, ao Arcebispo de Braga, Semerico, vimos 'nella muitos ministros do Senhor, trabalhando por mandado d'Ataces no edificio da nova fortaleza, que edificou sobre o Mondego,

(21) Remismundo, rei dos Suevos, a destruiu completamente em 464 «*Colimbriam pacem deceptam,*» etc., diz a chronica dos Ostrogodos.»

Simão J. da Luz Soriano, *Revelações de minha vida.*

(22) Em 468 diz o Chronicon de Idacio; e, pelo que se lê no tomo XXIII *da Hespanha Sagrada*, este chronicon goza de bons créditos.

(23)« A fu dação da nova Coimbra se attribue d'alli a algum tempo a Ataces, Rei dos Alanos, o qual declarando guerra a Hermenerico, Rei dos Suevos, em cuja demarcação entrava a antiga Colimbriga, e picado da resistencia, que achou 'nesta cidade, a mandou despovoar inteiramente, e para recolher aquelles moradores, edificou nas margens do Mondego o nova po[illegible] [illegible] hoje tem o nome de *Coimbra.*»

[illegible] de Lima, *Geog. Hist.*

destruida já a primeira povoação. Ahi estava o servo de Deus Elipando, bispo da mesma cidade, e o sacerdote Estenio, com muitos que serviam nas mesmas obras: chorei com elles a commum afflicção e o direito dos Imperadores perdido já na Lusitania (24).

Por isto vemos que a nova Coimbra estava em poder dos Alanos: mas é certo tambem que, sendo arrazada por Ataces, foi posteriormente destruida pelo barbaro Remismundo, rei dos Suevos.

Esta destruição de *Conimbrica*, feita pelos Suevos, leva-nos a crer que o [illegible] povo Romano ainda a reedificou toda ou em parte; ou se não foram os Romanos, foram certamente os proprios destruidores, talvez para se aproveitarem do sitio, que, em verdade, offerecia vantagens por ser ponto mui defensavel.

Nada mais nos diz a historia. Entremos agora na descripção d'esses preciosos restos da antiguidade, d'esses tempos de cruel e lamentavel barbarismo.

(24) «Transeuntes Conimbricam novam [illegible] Dei ministros laborantes, jam [illegible] rorum novae arcis, quam ipsi [illegible] jam prima populatione): ibi erat servus Dei Elipandus Episcopus et Essenus presbyter et multi alii [illegible] operibus: flevi cum illis communem afflictionem et amissum in Lusitania jus imperatorum.»

D. Rodrigo da Cunha, *Catal.* [illegible]

V

A famosa Conimbrica dos Romanos, estava situada ao sul do Mondego, sobre um monte de pequena altura, proxima ao logar a que hoje chamam *Condeixa, a Velha.*

Para o sul, o monte sobre que assentam as ruinas venerandas de Conimbrica, é cortado quasi a prumo, offerecendo 'numa ingreme descida um terrivel precipicio. Em baixo corre no inverno uma grande ribeira, que na força do estio diminue bastante, se não chega a seccar totalmente.

Esta parte das ruinas revela ainda hoje ao viandante a grandeza respeitavel das fortalezas romanas. Acabando 'num angulo agudo, os fortes muros d'esta parte da cidade são, pela sua solidez de construcção e grossura, a admiração das modernas gerações (25).

Dentro d'estes muros póde a agricultura metter mãos; e, por entre os restos das habitações romanas, tijolos, telhas e desmoronadas paredes, rebentam ao sol do inverno verdes searas de cevada e trigo, a que dá sombra em partes um grande numero d'oliveiras.

Para o norte, o que resta das muralhas abrange maior extensão. Aqui se levanta uma porção do aqueducto, que conduzia para a cidade as aguas

(25) «As muralhas que cingem o recinto de Condeixa, a Velha (em parte com 20 palmos de largo!), são ainda tão fortes, que disputam duração a uns poucos de seculos vindouros.» Ant. [illegible] Sacco — *Mem. Hist. Chorogr.*

de *Alcabedeque* pelo espaço de uma legoa. Além, em meio de uma terra cultivada, ergue-se um velho cunhal de fortaleza. Além mais, um pedaço de muralha que ainda não cedeu ao destruidor alvião, que ainda não quiz deixar o posto que lhe haviam confiado os heroicos dominadores do mundo—parece sentinella perdida, a quem abamdonou a esperança d'encontrar os seus!

Assim, por essa extensão de norte, veem-se e admiram-se muitas d'estas mudas testemunhas d'esses tempos que passaram.

A entrada para a parte sul da cidade, era por sobre um arco, que ainda lá se vê intacto!—Mais abaixo ainda existem dous arcos segurissimos, sobre que se construiram casas; sendo por isso custoso dar com elles, o que não conhecer aquelles sitios.

Mas, nem uma inscripção! nem um signal intelligivel d'essa passada grandeza!

Ha pouco alli fomos e só podémos ver parte de uma inscripção latina 'num pedaço de pedra desprezada! Ainda lemos: C. IULIO, e nada mais.

Sería Caio Julio Cesar o sugeito de quem fallava o letreiro? Ninguem o póde dizer; os seculos são mudos, e a historia calla-se.

Mas, archivaria ella, comtudo, algumas noticias a respeito de seus habitantes, a respeito de sua grandeza, de sua destruição? Algumas noticias encontrámos nos livros; mas escassas, mas incompletas.

Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia*, diz: «... aonde ainda hoje estão muitos

signaes e mostras de nobreza e antiguidade: como são arcos de pedraria bem lavrada, pilares e alicerces bem fundados, e muitos letreiros de diversas lingoas, signal certo de ter tambem diversos senhores».

Infelizmente, esses letreiros de que falla Mariz, já não existem. Mariz escreveu nos fins de 1500, e se no seu tempo existiam essas inscripções em diversas lingoas, hoje nem uma existe.

Sabemos sim, que 'nessa contínua lucta de mais de 774 annos, entre Conimbrica e os barbaros invasantes, ella teve necessariamente diversos senhores, e d'elles o mais poderoso e civilisado foi certamente o Romano, e aquelle em cujo poder esteve por mais tempo.

Bernardo de Brito Botelho em sua *Historia breve de Coimbra*, tambem falla de sua grandeza «...e bem o justificam ainda seus fortissimos muros e vestigios de castellos, que defendiam os canos d'agoa, que vinham de Alcabedeque.»

Em muitos escriptores antigos e modernos, achámos referencias áquella cidade; porém os seus dizeres são os mesmos: era grande, era forte, era nobre, e eis aqui tudo.

Encontrámos apenas em Gaspar Barreiros, e em Coelho Gasco, a copia de uma inscripção romana, achada na ponte da *Atadoa*, proximo a Condeixa, tirada, dizem elles, d'entre muitas que viram na referida ponte (26).

(26) Lá estivemos: não vimos inscripção alguma, apenas fragmentos em pedras partidas, com seus lavores e rendados.

A inscripção, segundo Gaspar Barreiros, diz assim:

D. M.
VALERIO AVITO
VALERIO MARINI
FIL. A. XXX.
VALLERIA FUSCILLA
MATER, FIL.
CARISSIMO ET PIENTISSIMO,
ET OBSEQUENTISSIMO
P.

SCRIBI IN TITULO VERSICULOS VOLO QUINQUE DECENTER.
VALERIUS AVITUS, HOC SCRIPSI, CONIMBRIGA NATUS, MORS SUBITO ERIPUIT.
VIXI TERDENOS ANNOS SINE CRIMINE VITAE.
VIVITE VECTURI.
MONEO, MORS OMNIBUS INSTAT.

Em portuguez:

«Em nome dos Deuses Manes. Eu Valeria Fuscilla, levanto èste monumento ao meu muito amado, piedoso e obediente filho Valerio Avito, filho de Valerio Marino, que a morte me roubou na edade de trinta annos.

Quero que estes cinco versos, sejam convenientemente gravados como epitaphio na sua sepultura.

Eu Valerio Avito, o escrevi,— nasci em Coimbra, — a morte subitamente me arrebatou. — Trinta annos vivi sem mancha em toda a minha vida. — Vós os que por aqui passardes vivei. — Lembrae-vos porém, que a morte é partilha de todos».

A ponto vem lembrarmos que Fr. Agostinho de Sancta Maria no seu *Sanctuario Mariano* (27) apresenta nove inscripções copiadas de pedras da torre de Condeixa, a Nova (pedras que debalde procurámos em 1860), das quaes mostraremos as tres primeiras.

D. M.
AURELIO RUFO ANN. 23.
VERNACULUS MATERNAE.
LIB. ET FORTUNATA AEMILIAE.
LIB. FILIO PIITISS.
F. C.

DICROCO QUI TRANSIS, SIT. TIBI TERRA LEVIS.

D. M.
M. AURELIO AVITO ANN. 21.
M. AURELIUS LABERIANUS ET
PUBLIA AVITA FILIO PIISSIMO.
F. C.

D. M. S.
HELEN. ANN. 33 FESTIVA ET
AN. XVIII AUGUSTIN. AN. XIII.
ARQUIA HELENA MATER.
E. T. P.
F. C.

(27) *Sanctuario Mariano* [illegible] ,g [illegible]93

Agora temos de fallar das muitas moedas romanas, que alli se encontram actualmente. São de cobre pela maior parte, e de pequenas dimensões. Apparecem tão deterioradas e carcomidas pelo tempo, que difficilimo se torna por isso a sua leitura.

Devemos a um cavalheiro, que habita na Atadoa (28) a posse de duas moedas romanas, nas quaes se lê ainda: no anverso de uma, DIVO, CARO, PIO; e no reverso: CONSECRATIO. Esta palavra lê-se em volta de uma aguia que tem por baixo II (29), e DIVO, CARO, PIO, em volta de um busto de guerreiro, coberto com um capacete.

A outra moeda é do imperador Constantino. De um lado tem a cabeça de um homem, enfeitada com dois fios de perolas (?), e em volta a legenda: CONSTANTINUS AUGUSTUS; e do outro tem uma como fortaleza, em orla da qual se lê: VIRTUS AUGUSTISSIMUS (?): no exergo d'esta forta-

(28) O ill.^mo sr. Wenceslau Martins de Carvalho, que teve a bondade de nos dar algumas moedas romanas, arabes, e portuguezas, e nos mostrou um precioso achado por elle feito em suas terras. Consiste elle em mais de 5:000 tijolos romanos, pouco mais ou menos com um decimetro de comprimento cada um, 25 millimetros de altura, e 5 centimetros de largura. Pela limpeza e perfeita côr do barro mostram não haver ainda servido. Appareceram em monte, quando se abria uma cova em uma propriedade d'este senhor.

(29) Talvez dous *asses*. O *ás* representava a unidade de valor na moeda romana. A principio pesou uma libra, mas depois foi muito reduzido o seu valor. O *ás* corresponde a 8 $^{1}/_{2}$ réis de nossa moeda. *V. Instruc. de numismatica*, por M. de Queiroga Carneiro de Fontoura.

leza parece ler-se Constantino, por abreviatura CONST.: crescem, porém, tres lettras a que não podemos dar traducção alguma, crendo, comtudo, que qualquer numismata as decifrará facilmente; são dois *SS* e um *F*.

Além de muitas medalhas romanas, encontram-se tambem outras arabes; e por isto nos lembra ainda, que talvez a cidade, em parte reedificada, chegasse até ao dominio dos Arabes ou Mouros, começado em 714; e que até mesmo fosse occupada pelos sectarios de Mohammed.

As medalhas com caracteres arabigos são prova d'esta asserção; e tambem o facto de chamarem os habitantes de Condeixa, a Velha, *Almedina*, ás ruinas da cidade; porque, *Almedina*, significa cidade na lingua Arabica (30).

Depois da mudança, Conimbrica começa de ser a famosa rainha do Mondego, sob o sceptro de monarchas Mouros, e a arrazada cidade lá vae, pouco a pouco, dando ao esquecimento o seu viver e o seu nome.

O tempo corre, e o glorioso anno de 1064 assoma para a Lusitania brilhante de esplendor e liberdade!

Fernando Magno, rei de Castella, Aragão, e mais tarde de Portugal, vem derribar do throno de Coimbra o seu ultimo rei Mouro, Cide Arabum Arabe, e Coimbra christã, começa então o seu reinado auspicioso com o governo do nobre conde D. Sesnando.

(30) Fr. João de Sousa.—*Vestig. da ling. Arabica em Portugal.*

Desde esta épocha, a historia de Coimbra é mais sabida; conhecem-se-lhe os Bispos, podem-se-lhe contar os governadores até ao comêço da nossa monarchia, e sabem-se finalmente os principaes acontecimentos que 'nella se deram.

Quanto á sua antiga historia, pouco se póde dizer; porque apesar de a darmos fundada por Ataces, creem alguns escriptores que anteriormente já aqui existia uma cidade, ou povoação importante, que fôra fundada por Hercules. Pela nossa parte duvidâmos de tão grande antiguidade, porque os auctôres que lh'a dão, não se fundam para isso em documento algum.

Mas, apresentaremos ainda assim o que deu origem á crença do vulgo.

Na entrada para o Castello de Coimbra lia-se outr'ora: *Quinaria Turris, Herculea fundata manu.* Em vista d'esta lettra, attribuiam a Hercules a fundação não só da torre, senão tambem a da cidade; porque até aos formosos campos de Coimbra, chamaram os antigos *Herculeos.*

Encontrámos ainda em João Pedro Ribeiro, no sabio investigador de preciosidades historicas, a inscripção da *Quinaria*, precedida d'estas palavras:

« A inscripção da Quinaria acha-se ha muito tempo defeituosa, e no estado actual se lhe divisa em lettras parte Onciaes, ou Gothicas, e parte Romanas iniciaes, ou majusculas com algumas lettras conjunctas, em sete regras o seguinte:

✠ Era MCCXXX. Regnante apud Portugale Rege Sancio incliti Regis Alf...

Et Regine Mahalde filio et illustris comitis Henrici et nobilissime Tar...
Regine nepote ipso jubente constractas est hec turris anno Reg...
sius et uxoris ejus Regine Dulcie tercio de...
A captione vero civitateis per Reg...
nandum ex Sarracenis centessimo trieessi...
Presidente tunc in predicta civitate Episcopo Domno Pet...» (31).
Em portuguez diz:

No anno de 1230, reinando em Portugal o Rei Sancho, filho do famoso Rei D. Affonso Henriques e da rainha D. Mafalda, neto do illustre conde D. Henrique, e da muito nobre Rainha D. Thereza, foi levantado este monumento por seu proprio mando, no terceiro anno do seu reinado e de sua esposa D. Dulce, cento e trinta annos depois que a cidade foi tomada aos Sarracenos, em tempo que á referida cidade presidia o Bispo D. Pedro.

Em meio de tão desencontradas opiniões, fizemos quanto em nossas forças cabia. 'Neste cahos de incertezas determinámos alguma cousa: ¿mas seriamos verdadeiros 'nesta determinação? Decidam-no os eruditos, e façam elles o mais que não podémos fazer.

(31) J. P. Ribeiro. *Dissert. Chron. e Crit.* T. 1, pg. 27.
O sr. A. de C. no 10.° vol. do *Instituto*, pg. 213, apresenta esta mesma inscripção com as lacunas interpretadas

VOPELIARES

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor

CONDE DA GRACIOSA

—

I

Quem hoje quizer fallar na historia d'esta ou d'aquella povoação coeva da infancia da nossa monarchia, não o poderá fazer sem conjunctamente tractar da historia geral do paiz, visto que laços apertadissimos unem o viver das poucas cidades e aldeias que Portugal teve em seu principio, com a historia dos limites do Condado de Portugal, com a de seus possuidores e com a de seus mosteiros e ordens religiosas.

Procurando nos escriptores de melhor nota, noticias ou mesmo simples esclarecimentos a respeito de *Volpeliares*, ou melhor, *Vopeliares*, povoação ou quinta que existiu entre o rio Mondego e o Douro, pelos annos de 1040 e seguintes, achámos, tão intimamente ligados com os acontecimentos notaveis da historia, os esclarecimentos a respeito de *Vopeliares*, que não poderemos

tractar d'estes esclarecimentos sem tambem fallar 'naquelles factos notaveis.

Assim, guiados nas trevas do passado pela Historia do Sr. A. Herculano, entraremos com passo firme e seguro 'nessa noute de oito seculos, e, conseguintemente, no que faz agora parte d'esta pequena memoria.

II

Com Raymundo, Conde de Borgonha, viera á Hespanha um nobre cavalleiro francez, filho de Henrique, neto de Roberto Conde de Borgonha, e bisneto de Roberto II Rei de França, chamado Henrique. Ou elle procurasse fortuna na Peninsula, entre as contínuas guerras e conquistas que então alimentavam a Hespanha, ou tivesse em vista o conseguimento de um casamento illustre — «È certo... que no principio de 1095 Henrique estava casado com Tarazia, Tareja (Thereza), filha bastarda de Affonso VI.» (1).

Henrique, a quem D. Affonso VI havia dado, com a mão de sua filha, o titulo de Conde e a provincia Portucalense, governava em 1097 o territorio entre o Minho e o Tejo (2).

Não se sabe ao certo as condições com que D. Affonso deu ao conde D. Henrique a provincia Portucalense; e d'aqui vem a famosa contenda, entre os escriptores hespanhoes e portuguezes, ácêrca da independencia de Portugal.

(1) Sr. A. Herculano [illegible] [illegible] 1.º, pag. 197.
(2) Sr. [illegible] Herculano [illegible]

No principal documento que os hespanhoes apresentam, para mostrar a sujeição do Condado de Portugal a Castella (3), achâmos nós tambem a principal noticia a respeito de *Vopeliares*.

É uma carta de Affonso VI ao Conde D. Henrique, a respeito da quinta de *Vopeliares*, que o Bispo de Coimbra D. Mauricio (4) disse lhe haviam tirado para a darem a D. Cypriano (5), pertencendo ella ao seu Mosteiro da Vaccariça, ou Bubulense.

(3) E tambem portuguezes — «... nos dous annos que decorreram entre o fallecimento de Raymundo e de Affonso VI (1107 a 1109), elle (D. Henrique) residiu quasi sempre em Portugal na obediencia do sogro.» — Sr. A. Hercul. *Hist.* liv. 1, pag. 211.

«Deu-lhe depois o governo de Portugal com o titulo de *Conde*, que elle exerceu : mas com sujeição a seu sogro.» — M. A. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do Governo*, pag. 43.

(4) «D. Mauricio Burdino, aquelle, que nascido em França na cidade de Limoges, veyo á Hespanha com o Arcebispo do Toledo D. Bernardo, e passados alguns annos chegou a ser Bispo de Coimbra e de Braga; e movendo depois em Italia um Scisma escandaloso, se quiz chamar Gregorio VIII.» — Rocha, *Portugal Renascido*.

(5) Quem fosse este D. Cypriano é cousa que não podemos saber. Pelo final da carta, vê-se que D. Cypriano devia ser Bispo ou pessoa ecclesiastica, e sendo, como ao diante se verá, a posição de Vopeliares nas terras da Feira ou de Sancta Maria, faz lembrar que D. Cypriano fosse Bispo do Porto. No catalogo dos Bispos d'esta cidade não apparece tal nome. Depois do Bispo D. Sesnando houve Sé vacante, e tres prelados governaram o Bispado: D. Paio, primeiro em o nome; D. Rodrigo e D. Paio, segundo. Por este tempo era Bispo de Coimbra D. Mauricio, de modo que, se a carta de D. Affonso VI, quando diz Cypriano, se refere ao Bispo do

A carta diz assim:

«Affonsus Dei gratia Imperator vobis dilectis-«simo filio meo Comite Henrico in Domino salu-«tem. Venit ad me querela de ipso Episcopo de «Colimbria de Villa de Volpeliares quae est sub «testamento de suo Monasterio de Vaccariça, quam «habent minus, et dicunt mihi, quia ego dede «illam ad Domnum Ciprianum, sed non venit «mihi in mente, et quamvis ego eam dedissem si «in testamento erat de illo monasterio, ego nec «autorigo, nec autorigabo eã, sed vos quantum «mihi bene quaeritis causam de illa sede et illos «monasterios inderẽzata illas. Valete.»

Em portuguez:

«Affonso por graça de Deus Imperador, a vós «amantissimo filho meu o conde Dom Henrique, «saude em o Senhor. Fez-me queixa o bispo de «Coimbra, que lhe falta a Villa de Vopeliares, a «qual pertence ao seu Mosteyro da Vaccariça, e

Porto, devia então dizer D Paio. A D. Paio seguiu-se o Bispo D. Hugo, na Sé do Porto, e na de Coimbra, a D. Mauricio, D. Gonçalo, e foi no tempo dos ultimos Bispos d'estas Dioceses, que realmente houve a contenda a que parece alludir a carta de D. Affonso; porque «com o Bispo D. Gonçalo fez o Bispo D. Hugo uma composição»... «avieram e concertaram sobre as igrejas d'além Douro e terras da Feira» (*). Harmonisam-se, comtudo, estas cousas. As palavras da carta: «encaminhai lá, e resolvei a contenda d'estas igrejas» referem-se ás Sés de Coimbra e Porto, e aquelle D. Cypriano foi, provavelmente, algum rico-homem, senhor de *Vopeliares*.

(*) D. Rodr. da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, 2.ª ed., part. 1.ª, pag. 318

«dizem que eu a dei a Dõ Cipriano, do que não «estou lembrado. E dado caso que eu a désse, «se ella era do dicto Mosteyro, eu nem auctoriso, «nem auctorisarei a doação. Vós pelo bem que «me quereis encaminhai lá, e resolvei a contenda «d'estas igrejas. Deus vos guarde.» (6)

Dissemos que fôra o Bispo D. Mauricio quem se queixára a D. Affonso VI, e assim é. Attribuindo-se ao anno de 1109 o famoso documento, (7) e sendo Bispo de Coimbra D. Mauricio, desde 1098 até 1110, anno em que foi para Arcebispo de Braga (8), concluimos que — a mitra dos Bispos de Coimbra devia 'nesse tempo cobrir a cabeça de Mauricio Burdino (9).

Dissemos tambem que os escriptores hespanhoes desumiam da carta de D. Affonso VI a obediencia do Condado de Portugal a Castella, e agora diremos tambem que os nossos a produzem em seu favor. Brito, e Barbosa, são d'esta opinião, assim como o é, á face do direito, J. Pinto Ribeiro, encarando a queixa de D. Mauricio, mais como um meio de que o Bispo se serviu para saber se D. Affonso tinha dado a quinta de *Vopelia-*

(6) *Monarchia Lusit* part. 3.ª, cap. VIII. Barbosa, *Cat. Chronol. das Rainhas de Portugal*, pag. 39. J. Pinto Ribeiro, *Injustas Successões*, pag. 68.

(7) J. Pedro Ribeiro, tit. 3, part. 1.ª

(8) Francisco Leitão Ferreira, *Catalogo dos Bispos de Coimb. nas Memor. de Hist. da Acad. Portugueza*, de 1724, pag. 51.

(9) «Burdino que se entende ser nome de familia.» Leitão Ferreira, *Catal. dos Bispos de Coimbra.*

res a D. Cypriano, do que com outro fim, e inferindo das mesmas palavras da carta que, o conde D. Henrique governava do Minho ao Tejo (10), sem obediencia ou sujeição a D. Affonso VI.

Sem allusão ao documento ainda Duarte Nunes de Leão impugna as opiniões dos escriptores castelhanos, mostrando que o dote de D. Thereza lhe foi dado sem vassallagem ou foro algum (11).

Mas, porque o nosso proposito não é verdadeiramente este, e porque sobejamente hemos fallado já da carta de D. Affonso VI, concluiremos com o que diz um escriptor comtemporaneo: «Fôsse, ou não, tributario a Castella o Condado de Portugal, o que é fóra de toda a dúvida é que a nacionalidade portugueza foi devída a D. Henrique (12).»

III

Fallaremos agora de um outro documento concernente a *Vopeliares*, mas dizendo alguma cousa quasi promiscuamente a respeito das ordens religiosas e dos mosteiros em geral.

Antes do 18.º anno do governo Tiberio, em que foi crucificado Jesus Christo, claro está que

(10) «Comite Domno Henrico genero supradicti Regis (Affonso VI) dominante a fluvio Minio usque in Tagum.» Brandão, *Monarch. Lusit.* tom. 3, liv. 8, cap. 10.

(11) Duarte Nunes de Leão, *Chronica do Conde D. Henrique*, pag. 33.

(12) Sr. J. A. de Sousa Dória, *Comp. da Hist*

não podia haver na Peninsula templo algum que não fôsse pagão.

Com a peregrinação dos Apostolos pelo mundo veio á Hespanha a religião de Jesus Christo, pois —«É certo... que pelos fins do seculo II havia já nas Hespanhas Egrejas Christans» (13).

Comó arbusto novo em escalvada encosta, exposto ao capricho dos ventos, assim a nova arvore religiosa com difficuldade foi medrando, açoitada de contínuo pelas invasões das hordas barbaras de Vandalos, Suevos e Alanos.

Com a vinda dos Godos (Visi-godos e Ostro-godos), em 585, veio tambem para a religião tempo de maior bonança. « Os barbaros a quem a ignorancia e o espirito da independencia dispunham para obedecer antes ás ordens de Deus, de quem os Bispos se diziam os oraculos, do que ás dos outros homens, ainda mesmo dos Reis...» — por interesse proprio sympathisavam com ella. «Em taes circumstancias... procuraram o apoio dos chefes da religião. Chamaram-os para o seu consêlho: remetteram aos Concilios todos os negocios de importancia; e encarregaram aos Bispos, em grande parte, a administração da justiça» (14).

Em 714 os Arabes, ou Mouros, invadiram a Peninsula; e, com a morte de Rodrigo nas margens do Cryssus, terminou o dominio Godo nas Hespanhas.

É facil de conceber a lucta espantosa entre in-

(13) M. A. Coelho da Rocha, *Ensaios sobre a Hist.* pag 13.

(14) Coelho da Rocha, *Ensaios*, pag. 20.

vasores e invadidos!... Tardia chegou a transacção, mas veio.

Livre tinham os christãos o exercicio de sua religião (15), e, a par d'essa liberdade de culto, grande era tambem a miseria e pobreza.

Uma cousa havia então, verdadeiramente civilisadora: era a devoção religiosa.

Permittia-se a todos a fundação de Mosteiros, Cenobios e Asceterios.

Avultado era o numero de doações feitas e estas casas, já pelos Bispos, já pelos grandes senhores, já pelo povo, e, o que mais é, até por alguns Mouros. D'aqui veio a creação de muitas casas religiosas durante os seculos 9.°, 10.° e 11.°.

Entre os muitos mosteiros que havia no vasto territorio de Coimbra ao Porto, existia o Mosteiro Bubulense, ou da Vaccariça «na antiga villa da Vaccariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada, situada perto do Bussaco, meia legua ao poente de Luso» (16).

Foi um mosteiro rico e afamado, de religiosos Agostinhos ou Benedictinos (17), fundado, ao que parece, entre os annos de 537 a 543 (18).

(15) «Os Ministros communicavam e correspondiam-se livremente; celebravam Concilios; usavam de vestes ecclesiasticas, e até dos sinos para a reunião dos fieis.» Idem, pag. 38.

(16) Vid. *Hist. do Mosteiro da Vaccariça*, pelo Sr. Dr. A. A. da Costa Simões.

(17) Fr. Antonio da Purificação chama-lhe Mosteiro da sua ordem, e Fr. Leão de S. Thomaz diz que pertencia aos Benedictinos. Vejam-se estes chronistas.

(18) Sr. Dr. Simões cit. *Memoria*

Era este mosteiro senhor de muitas villas, logares, pequenos mosteiros e igrejas, como se póde ver no livro Preto da Sé de Coimbra (19).

Entre as doações d'este Mosteiro é que reencontrâmos noticia de *Vopeliares*.

É uma avultada doação feita por um Resemundo, filho de Maurelio e de Bazelisa... cujo theor é o seguinte:

«Ego domine famulus tuus resemondus prolix
«maurele et baselise... Adicimus ibidem domine
«ad ipsius sacrosanctum et venerabilem templum
«qui sunt per velamen servorum vel ancilarum
«deo de servicio, medietatem de ecclesia que sita
«est in villa foramontanos vocabulo sancte marie
«cum medietate de mea hereditate de villa vope-
«liares, etc.» (20)

Aonde sería o assento de *Vopeliares?* Sería uma villa, pequena povoação, ou simplesmente uma quinta? Porque se chamaria *Vopeliares?* São perguntas que naturalmente se fazem depois da leitura d'esse vetusto documento.

IV

Não é possivel determinar o logar em que existiu *Vopeliares* (21); comtudo, emittiremos a tal respeito uma opinião.

(19) *Livro Preto*, folhas 35, 61, 67 v.º e 68, etc.

(20) *Livro Preto*, folhas 64.

(21) «Ninguem sabe agora onde foi a Troia, nem Athenas, nem Corintho... Tal aconteceu a algumas cidades da Lusitania de que não ficou mais memoria que o nome que tiveram.» Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*, pag. 28.

Fr. Leão de S. Thomaz, depois de fallar nas muitas povoações que o Mosteiro da Vaccariça tinha entre o rio Vouga e o Mondego, diz: «E no Bispado do Porto tinha a villa de *Gelpilhares*... juncto ás terras de Sancta Maria...» (22) Sería esta *Gelpilhares* a mesma *Vopeliares* da carta de D. Affonso VI, e a mesma da doação? Parece-nos que sim; porque o facto de Fr. Leão de S. Thomaz não fazer menção d'esta *Gelpilhares* no escholio que faz das povoações do Mosteiro entre o Mondego e o Vouga, para a ir collocar nas terras de Sancta Maria, prova que esta *Gelpilhares* é a mesma V*opeliares*, só com a differença na corrupção do vocabulo. Com a troca de um *o* por um *e* e de um *e* por *i*, ainda hoje existe a uma legoa do Porto (23). Poderá parecer ainda uma dúvida o dizer Fr. Leão de S. Thomaz que era no Bispado do Porto essa povoação, e o Bispo de Coimbra chamar-lhe sua, na carta ou queixa que fez a D. Affonso VI; mas é esta uma duvida que de prompto desapparece.

Pela carta de D. Affonso ao conde D. Henrique, vê-se que o Bispo só deveria ter dicto que Vopeliares era do seu Mosteiro da Vaccariça, sem comtudo estar no seu Bispado: e, mesmo que assim fosse, a duvida desfazia-se ainda — «Pediu (Nuno Soares, o velho) ao Bispo de Coimbra D. Cresco-

(22) Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedict. Lusit. Tract.* 2.º, part. 2.ª, pag. 352.

(23) «Golpelhares — freguezia da Provincia do Douro, concelho de Gaia, comarca a uma legua do Porto, 51 de Lisboa, 753 h.» — *Taboa Geographico-Estatistica Lusitania*, por um Flaviense

nio (chegava 'naquelle tempo o Bispado de Coimbra até ao rio Douro...» (24).

Sería Vopeliares uma villa como aquellas povoações a que hoje damos tal nome? Cremos que não. A carta de Affonso VI e a doação de Resemundo dizem villa; mas esses documentos são escriptos em latim, é verdade que barbaro, e *villa* quer dizer *quinta* ou *casa de campo*. Demais, sendo Portugal limitadissimo, muito especialmente a respeito de povoações (25), não é provavel que tivesse muitas villas, mormente com o sentido em que hoje tomâmos a palavra *villa* (26).

«A escacez de numerario era tal que não é raro encontrar-se vendas ou permutações de terras, de largas herdades, e das chamadas *villas*, a troco de um boi, de uma vacca ou bezerra, de uma egua, de uma ovelha, de uma manta, etc.» (27).

O facto d'este escriptor depois de mencionar herdades fallar nas chamadas *villas*, sublinhando a palavra, prova que villa era uma herdade como outra, mas que tinha mais alguma cousa, sem comtudo ser uma povoação como as de hoje.

Porque se chamaria Vopeliares? Foi duvida

(24) D. Nicolau de Sancta Maria, *Chronica de Sancto Agostinho,* part. 1.ª, pag. 280.

(25) «Porque as terras de Portugal que estavam ganhadas aos Mouros, quando o deram ao Dom Henrique estavam ainda tão hermas e despovoadas que apenas em todas se achavam trezentos de cavallo.» Duarte N. de Leão, *Chronic. do conde D. Henrique*, pag. 33.

(26) Vid. o *Supplemento ao Elucidario*, na palavra Villa.

(27) Coelho da Rocha, *Ensaios*, etc., pag. 39.

que tambem creámos e a respeito da qual passâmos a emittir um parecer.

Volpes, ou *vulpes*, *vulpis*, significa a — raposa — de modo que, sendo Portugal, por assim dizer, despovoado, e, conseguintemente muito arborisado, nada mais facil de admittir que suppôr a existencia da dicta *quinta* ou *casa de campo*, encostada, ou cercada de matas em que andassem raposas (28), visto que de *volpes*, ou *vulpis* se faz *vulpinor*, *vulpinaris*, que para *Vopeliares* não frisa muito mal (29).

Ahi fica o que, como simples curioso, podémos obter depois de examinarmos trinta ou quarenta livros diversos.

(28) Os antigos chamavam a uma raposa *Golpelha*. Ainda isto vem em auxilio da nossa Golpelhares.

(29) Tambem foi muito lisongeira para nós a opinião do erudito e esclarecido Sr. M. da Cruz Pereira Coutinho, que disse a um amigo nosso terem estas conjecturas attingido a verdade.

LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES

Ill.^{mos} Ex.^{mos} Srs.

Dr. Antonio d'Oliveira Silva Gaio
Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles
Annibal Pippa Fernandes Thomaz
Antonio José Lopes Navarro
Antonio Julio da Costa
Antonio Borges de Medeiros
Adelino Soares
Alexandre d'Albuquerque
Adriano Anthero de Sousa Pinto
Antonio Maria d'Araujo
Antonio das Neves e Sousa (Padre)
Ayres Mendes de Carvalho
Augusto de Miranda
Antonio Cardoso Vieira
A. C. Girão
Augusto Francisco Aleixo dos Santos
Augusto Maria de Castro
Arthur Palmeirim
Antonio Joaquim de Caldas
Alvaro do Carvalhal
Alfredo de Faria
Antonio Maria Larcher Marçal
Antonio Monteiro Rebello da Silva
Augusto Cesar Moutinho d'Abreu Andrade
Antonio da Costa Brandão e Brito
Adriano Augusto Brandão da Silva Ferreii
Affonso d'Almeida Fernandes
Affonso José Lucas
Antonio Feliciano da Costa Teixeira de B rito
Antas (Conde das)
A. S. de Noronha (Padre)
Antonio Augusto Manique de Mello
Antonio José d'Oliveira Mourão

Alfredo Carlos Passanha
Antonio da Silva Alves Pereira
Antonio de Padua Ponces
Antonio Joaquim da Cunha Berrance
A. H. da Silva
Antonio Joaquim Margarido Pacheco
Adriano Augusto de Serpa Pinto
Antonio de Sousa Teixeira
Antonio Julio de Santa Martha
Antonio d'Albuquerque Amaral
Antonio Eduardo de Moura
Alipio Coelho do Amaral
Antonio d'Oliveira Brandão
Annibal Corrêa Taborda
Augusto Madureira
Augusto da Cunha Pimentel da Gama
Antonio Duarte Marques Barreiros
Antonio de Sousa Maldonado
Adriano Acacio Moraes Carvalho
A. Germano da Fonseca Santos
A. Machado
Antonio Telles Macedo
Bernardo Ferreira Bairrão Ruivo
Bernardo José Pinto de Mendonça Ferrão
Bernardo José dos Santos Ferraz
Bernardino Alves de Moura
Carlos Eugenio Ribeiro Dias da Silveira e Castro
Candido Augusto d'Oliveira
Christovam de Brito Pereira de Sousa Menezes
Constantino do Valle Coelho Cabral
Cyriaco Lourenço de Sousa
Cesar Augusto Henriques
Dr. Custodio Nunes Borges de Carvalho
Delfim Deodato Guedes
Duarte Augusto de Frias Ribeiro
Eugenio Rodrigues Severim d'Azevedo
Eugenio Elvizio Alvares Fortuna
Eduardo Pereira Tovar de Lemos
Eduardo Candido de Castro e Mello
Eduardo Correia d'Oliveira

Eduardo R. de Mattos Coelho
Elysio Freire d'Abreu
Francisco José de Medeiros
Francisco de Mello
Francisco Augusto Caldeira
Francisco Eduardo de Barahona Fragoso
Francisco Augusto Cardoso
Francisco João de França
Francisco Antonio Soares Carrapatoso
Francisco José Lopes de Mattos Viegas
Francisco Thomaz Ferreira
Francisco Caldeira
F. de Bettencourt Miranda
Filomeno da Camara
Francisco Porfirio de Magalhães
Francisco L. d'Azevedo Coelho
Francisco Mendes Callado
Fernando Frederico Bartholomeu
Francisco Augusto Correia Barata
Francisco Botelho Correia Machado
Francisco da Silveira Vianna
Fernando Rocha
Fernando (Visconde da Barca)
Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett
Guilherme Machado de Faria e Maia
GuilhermeGorden Norton
Henrique Manoel Ferreira
Henrique de Queiroz Pinto Serpe
Hermano Victorino de Medeiros
Heitor de Lemos e Sousa d'Aragão
Honorato Pinto do Rego
Ildefonso Porphyrio de Mendonça e Silva
Isidoro Augusto de Sá
Joaquim Ferreira Machado
José Galião
José d'Albuquerque Pimentel Vasconcellos
José de Vasconcellos Cerveira Lebre
José de Vasconcellos Mascaranhas Pedroso
José Custodio Ferreira de Mello
José Breves d'Oliveira Roxo

João Tavares de Macedo
José Carrilho Videira
Joaquim Carrilho Garcia
José Mendes Norton
José Augusto Guedes Teixeira
José Manuel da Silva Guizado
Joaquim Guedes de Magalhães
José de Castello Branco
José Cabral Teixeira
José M Penha Carvalho
José Julio Teixeira
José Maria Pestana
José Soares de Barros Machado
José de Castro Guimarães
José Maximino da Silva Azevedo
Jorge Monjardino
Joaquim Lisbano d'Almeida Didier
José Joaquim Dias Gallas
João Antonio Ferreira Maia
José Maximiano Dias
José Antonio de Sancta Anna Correia
José Rodrigues Pardinha
José Antonio Pimenta de Castro
José Victorino Pareto
João de Freitas
José Simões Dias
José Lopes Bandarra
João Cardoso da Cunha Ferreira da Motta
José Joaquim Gomes de Vilhena
José Maria Pedroso Barata dos Reis
Joaquim José da Costa e Simas
Joaquim Romão Mendes Papança Rojão
João Maldonado Passanha
José Augusto da Silva Mattos
José Augusto da Cruz de Vasconcellos Salgado
João Dally Alves de Sá
José Franco Ramos
José Machado de Faria e Maia
José da Costa Delgado
João Augusto Teixeira

José de Barros da Silva Carneiro
José Luiz Ferreira Freire
José Simões da Silva Junior
Julio Gomes da Silva Sanches
José Lopes de Mattos Viegas
José Augusto de Mattos Coelho
Joaquim Paes da Cunha
João Marques Antunes
João Ribeiro d Andrade
João José d Antas de Souto Rodrigues
José Christiano Dias de Medeiros
João Machado de Faria e Maia
José Augusto Veiga
João Taborda de Magalhães
José Rebello Cardoso de Menezes
João d'Almeida Tojeiro
José E. C. e Silva
José Maria Neves
Joaquim B. Cochado Freire
João Maximo de Brito e Castro
José de Paiva Magalhães
José Mocinha e Pereira
Julio da Fonseca Borges
João Pedro Gomes F. Teixeira
Joaquim Pinto Vilella
João Patricio d'Albuquerque
João Vicente Teixeira
Julio Pereira
João Bernardo Barata
Joaquim d'Olivei a Rino Jordão
Joaquim Gaspar Pinheiro d'Almeida da Camara Manuel
Manuel Francisco de Paula Barreto Junior
Manuel Francisco Machado
Manuel da Maia Alcoforado
Manuel Cardoso de Sequeira Barbedo
Manuel da Cunha Paredes
Manuel José Gonçalves dos Santos
Manuel d'Arriaga
Manuel d'Almeida e Silva
Dr. Manuel Emygdio Garcia